



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

IGOR DE VARGAS

PROERD É O PROGRAMA, PROERD É A SOLUÇÃO?
ETNOGRAFIA DAS AULAS DO PROERD EM CHAPECÓ

CHAPECÓ
2016

IGOR DE VARGAS

**PROERD É O PROGRAMA, PROERD É A SOLUÇÃO?
ETNOGRAFIA DAS AULAS DO PROERD EM CHAPECÓ**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ari José Sartori

**CHAPECÓ
2016**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Vargas, Igor de

PROERD É O PROGRAMA, PROERD É A SOLUÇÃO?: Etnografia das aulas do PROERD em Chapecó/ Igor de Vargas. -- 2016. 74 f.

Orientador: Ari José Sartori.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Sociais , Chapecó, SC, 2016.

1. Visões da PM sobre o PROERD. 2. Relações de poder entre PMs Instrutores homens e mulheres. 3. Escolas públicas e particulares. 4. Drogas, estigmas e a teoria do Lombroso. 5. Sobre a importância do PROERD. I. Sartori, Ari José, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

IGOR DE VARGAS

**PROERD É O PROGRAMA, PROERD É A SOLUÇÃO?
ETNOGRAFIA DAS AULAS DO PROERD EM CHAPECÓ**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.


Orientador: Prof. Dr. Ari José Sartori

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 29/06/2016.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Ari José Sartori (UFFS)



Prof.ª Dr. Claudete Gomes Soares (UFFS)



Prof. Dr. Danilo Enrico Martuscelli (UFFS)

Pobres e fracas mentes,
Se deixam dominar.
Por um gole de pinga,
Por um pito, pelo pó...

Pobres e fracas mentes,
Se deixam dominar.
Por um amor,
Por um dissabor...

Pobres e fracas mentes,
Se deixam dominar,
Por medos incabíveis,
Por crenças embutidas...

Pobres e fracas mentes
Se deixam dominar.
Pelo prazer de querer ser melhor,
Porque ainda se sentem o pior.

(Ceci T. de Vargas)

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo, nos momentos fáceis ou difíceis, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso primeiramente agradeço a todos.

Agradeço também a minha família, que me apoiou durante a graduação em licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, em especial ao meu irmão, Alexsander de Vargas, pelas críticas/sugestões durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço também a Angelita, pela força e parceria durante esse percurso.

Agradeço aos professores(as) que desempenharam com dedicação e sabedoria as aulas ministradas. Em especial a Prof.^a Dr.^a Claudete Gomes Soares e ao Prof. Dr. Danilo Enrico Martuscelli que contribuíram com referências para este trabalho.

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Ari José Sartori, pela orientação, apoio, paciência e coerência, não apenas durante a elaboração deste trabalho, mas de certa forma, desde o início da minha graduação.

Agradeço também aos colaboradores e colaboradoras, pela receptividade, disponibilidade e parceria ao longo deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul, teve como foco realizar uma etnografia das aulas do PROERD ministradas pelos PMs Instrutores(as) do PROERD em quatro escolas de Chapecó, sendo três públicas e uma particular. O trabalho divide-se em duas partes: a primeira aborda aspectos mais gerais, o que é o PROERD, a seleção dos PMs Instrutores(as) do PROERD e as visões da PM sobre o PROERD. Na segunda parte, a partir da etnografia das aulas do PROERD e das entrevistas semi-estruturadas, abordo as relações de poder entre PMs homens e mulher, as diferenças entre escolas públicas e particulares, as drogas e seus estigmas, a visão e relação dos professores(as) e da direção para com os PMs Instrutores(as) do PROERD, os objetivos propostos pelo PROERD bem como sua importância para as escolas, alunos, PMs e PMs instrutores(as) do PROERD. O presente trabalho corrobora para pensarmos sobre as diferenças entre escolas públicas e particulares, diferenças na percepção por parte dos alunos (as) da autoridade do PM homem e mulher, além do principal objetivo do PROERD, que mudou, mas, mesmo assim, o programa segue mantido e isto tem uma intencionalidade.

Palavras-Chave: Etnografia das aulas do PROERD. Relações de gênero. Relações de poder. Escolas públicas e particular. Estigmas.

ABSTRACT

This completion work of the degree course in Social Sciences from Universidade Federal da Fronteira Sul, focused conduct an ethnography of PROERD of classes taught by PMs Instructors the PROERD in four schools of Chapecó, three public and one private. The work is divided into two parts: the first deals with general aspects, which is the PROERD, the selection of PMs Instructors the PROERD and the visions of PM on PROERD. In the second part, from the ethnography of PROERD of classes and semi-structured interviews, I discuss the relations of power between PMs men and women, the differences between public and private schools, drugs and the stigmata, vision and respect of teachers and the direction toward the PMs instructors the PROERD, the objectives proposed by PROERD well as its importance for schools, students, military police and military police instructors the PROERD. This study corroborates to think about the differences between public and private schools, differences in perception by the students of the PM male and female authority in addition to the main objective of PROERD that changed, yet the program follows kept and this has an intentionality.

Keywords: Ethnography classes of PROERD. Gender relations. Power relations. Public and private schools. Stigmata.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1 PROERD.....	17
1. 1 Objetivos do PROERD.....	17
1. 2 Primeiro contato.....	20
1. 3 Seleção dos PMs Instrutores (as) do PROERD e visões da PM sobre o PROERD e seus Instrutores (as).....	21
1. 4 Visões da PM sobre o PROERD.....	23
2 ETNOGRAFIA DAS AULAS DO PROERD.....	26
2. 1 Relações de poder entre PMs Instrutores homens e mulheres e as dinâmicas do PROERD.....	26
2. 2 Escolas Públicas e Particulares.....	37
2. 3 Drogas, Estigmas e a teoria do Lombroso.....	43
2. 4 Visão dos Professores(as) e direção das escolas sobre o PROERD e os PMs Instrutores(as)....	52
2. 5 Relação entre PMs Instrutores (as) do PROERD, professores (as) das escolas e direção.....	53
2. 6 Alcance dos objetivos propostos pelo PROERD.....	57
2. 7 Sobre a importância do PROERD.....	61
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
APÊNDICE.....	70

INTRODUÇÃO

Durante o período que cursei o ensino médio no Rio Grande do Sul não havia PROERD, e sempre que colocado em pauta, o assunto Drogas me chamava atenção, despertava curiosidade. Avalio que um dos principais ou talvez o principal responsável por esse sentimento era a questão das drogas serem tratadas como um tabu, algo que não podia ser falado nem pensado, algo que deveria ser proibido, excluído da sociedade, uma “espécie de monstro” que atacava algumas pessoas e que todos deveriam temer. Mas sempre pensei, se algo é tão ruim, qual seria o motivo das pessoas continuarem fazendo uso?

Ao longo da vida percebi comentários e tentativas frustradas, sejam de instituições, palestrantes, policiais, sobre o que devemos fazer para acabar com as drogas, como devemos agir para que as drogas deixem de existir em nossa sociedade. Mas, me questionava: será que elas podem ser extintas? Será que é viável sua extinção?

A humanidade sempre se relacionou com as drogas, direta ou indiretamente, porém, atualmente as drogas são encontradas em maior quantidade, diversidade e em qualquer classe social, sejam elas lícitas ou ilícitas, e, quase sempre são consideradas um problema geral.

O presente trabalho apresenta uma análise etnográfica acerca do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência) em escolas públicas e particulares de Chapecó-SC. A pesquisa foi realizada com PMs Instrutores (as) do PROERD de Chapecó-SC, diretores (as) e professores (as) das escolas observadas, sendo que quatro escolas foram escolhidas: uma localizada no Centro e três localizadas nos Bairros de Chapecó-SC. Observei também as aulas ministradas pelos PMs Instrutores(as), nas turmas do 5º ano das escolas citadas. Sendo que o período de observação da turma do Bairro 1¹ se deu à tarde, a do Bairro 2 no período da manhã, a turma do centro também pela manhã e as duas turmas no Bairro 3, uma pela manhã e outra pela tarde. Também participei de duas formaturas do PROERD, uma realizada dia 03 de dezembro de 2015 no Centro e outra no dia 08 de dezembro de 2015 em uma escola do Bairro. O título deste trabalho, “PROERD é o programa, PROERD é a solução?”, foi retirado da canção do PROERD². A canção do PROERD é ensinada e ensaiada

1 Todos os nomes neste trabalho são fictícios

2 “Existe um programa
que vai lhe ajudar
existe um amigo
que vai lhe ensinar
que o problema DROGAS
merece atenção
e para manter-se a salvo
é preciso DIZER NÃO

durante as aulas ministradas pelos PMs Instrutores(as) do PROERD e é cantada em coro pelos alunos(as) durante a formatura do PROERD. A letra da canção informa que o PROERD é a solução para o problema das drogas, a partir da etnografia das aulas do PROERD, discuto se o PROERD consegue alcançar seus objetivos, se realmente é a solução.

Optou-se por não informar a identidade dos PMs Instrutores (as) do PROERD entrevistados, das escolas em que foi feita a etnografia bem como o nome dos professores (as) e diretores (as). Essa decisão está pautada nos princípios do Código de Ética da UFFS, que garante o sigilo dos nomes de todos os envolvidos na pesquisa, preservando a identidade dos colaboradores.

Saliento que para amenizar e destacar o “sexismo linguístico”, utilizarei sempre os prefixos (os), (as). Essa medida foi adotada objetivando diminuir as relações de poder expressas na própria linguagem.

Exemplos: PMs Instrutores (as) do PROERD, Diretores (as), Professores (as), Alunos (as)

Os depoimentos obtidos a partir das entrevistas semi estruturadas e os dados etnográficos foram organizados em dois capítulos além da introdução e considerações finais.

Na introdução deste trabalho, apresento a justificativa para realizar esta pesquisa além dos objetivos e da metodologia. No capítulo I, apresento o PROERD, seus objetivos, o primeiro contato que tive com o programa e a seleção dos PMs Instrutores(as) do PROERD bem como a visão da PM sobre o mesmo. O capítulo II é voltado à etnografia. Início-o tratando da autoridade, ou falta dela entre os PMs homens e mulheres, divergências entre escolas públicas e particulares, drogas, sua utilização, repercussão na sociedade, importância do PROERD. E, nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, apresento alguns apontamentos a respeito

Proerd é o programa
 Proerd é a solução
 Lutando contra as drogas
 Ensinando a dizer não
 Cultivando o amor próprio,
 controlando a tensão
 Pensando nas consequências,
 resistindo a pressão
 como amar a própria vida
 e às drogas dizer não
 quem lhe ensina é o amigo
 mas é sua decisão

Proerd é o programa
 Proerd é a solução
 Lutando contra as drogas
 Ensinando a dizer não”
 (Composição: Sgt PMERJ Claudio Coutinho Dos Santos)

do programa e seus objetivos, principal e secundários.

O principal objetivo desta pesquisa foi realizar uma etnografia das aulas do PROERD ministradas pelos(as) policiais militares Instrutores(as) do PROERD em quatro escolas de Chapecó-SC, sendo três públicas e uma particular.

Também pretendi observar se existem diferenças no tratamento dado aos estudantes das escolas públicas e particulares pelo mesmo Instrutor (a) do PROERD, assim como compreender se existem diferenças na abordagem entre policiais militares Instrutores do PROERD homens e mulheres e como se expressam essas diferenças.

Metodologia

Realizar uma etnografia, ou seja, “a partir de um trabalho de campo” é, segundo Michel Angrosino, (2009, p. 30), “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças.”

É evidente que para isso foi necessário fazer um estranhamento do grupo observado, afinal, esse estranhamento ajuda o pesquisador a fazer descobertas que não se mostram superficialmente na realidade do grupo pesquisado, permite ao pesquisador afastar-se de sua “realidade” para que assim consiga enxergar pelas “entrelinhas”. Quando a pesquisa é realizada com sociedades urbanas essa tarefa torna-se ainda mais complexa, sendo necessário, como cita Roberto Da Matta (1978, p. 157), “transformar o familiar em exótico e o exótico em familiar”, ou seja, transformar o familiar em exótico é estranhar aquilo que aos olhos do “senso comum”, parece “normal”, cotidiano, transformar o exótico em familiar é tentar decifrar aquilo que parece “estranho”, diferente, a fim de compreendê-lo.

Eu nunca havia assistido nenhuma aula do PROERD bem como adentrado ao Batalhão da PM. Sendo assim, o “estranhamento” do grupo pesquisado foi quase que “automático”, pois praticamente tudo era novidade, “estranho”, para mim.

Primeiramente fui até o Batalhão, apresentei o projeto, solicitei autorização. Assim que a autorização foi concedida, retornei ao Batalhão para conhecer a sala do PROERD e os PMs Instrutores (as).

Depois de feita a seleção das escolas a serem observadas, e da autorização concedida pelas mesmas, iniciei o trabalho etnográfico, que segundo Clifford Geertz

surge com a antropologia:

É justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa". (GEERTZ, 2008, p.4)

Clifford Geertz (2008, p.7) cita que para fazer etnografia é necessário “[...]em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário.[...]” Sendo assim, busquei observar, registrar, e descrever no meu “diário de campo” nas quatro escolas selecionadas de Chapecó-SC, as aulas do PROERD, as realidades dos PMs Instrutores(as) do PROERD, dos professores (as), alunos (as), escolas e visitas ao batalhão.

Além disso Geertz define que não são apenas essas técnicas que definem a etnografia, pois essa “descrição densa”, a etnografia,

[...]é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p.7)

Segundo GEERTZ (2008, p. 20), para fazer etnografia a teoria deve fornecer um vocabulário que expresse o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo, e não opinar ou fazer juízo de valores, apenas descrever o papel da cultura na vida humana. Essa “descrição densa”, segundo GEERTZ, serve para que o pesquisador descreva exatamente aquilo que observa no campo, sem colocar seus juízos de valor.

No livro “Argonautas do Pacífico Ocidental”, Bronislaw Malinowski (1978) discorre sobre a validade do trabalho etnográfico:

[...]um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica.[...] (MALINOWSKI, 1978, p. 18)

Ou seja, de um lado a observação e descrição densa do “ambiente”, “grupo”, “tribo” e de outro a análise do autor acerca destas observações.

Segundo MALINOWSKI (1978, p. 21), para fazer etnografia é necessário “viver na aldeia”, estar em contato direto, constante, com o “grupo” a ser observado, e essa é a enorme diferença que o autor afirma existir entre o relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar efetivamente em contato com eles. E prossegue afirmando que mesmo que no início a etnografia possa ser uma aventura desagradável ou interessantíssima, se o pesquisador estiver realmente em contato a relação logo entrará em harmonia com o ambiente que o rodeia e você deixará de parecer um “estranho no ninho”.

As primeiras observações que fiz nas escolas identifiquei-me com a descrição realizada por MALINOWSKI. No início me senti um pouco retraído, tanto na visita ao 2º BPM de Chapecó, como também nas escolas e salas de aulas, que no caso eram da 5ª série. Já no primeiro contato que tive com os alunos do PROERD, percebi que despertei a curiosidade neles, me tornei o centro da atenção: perguntavam se eu era filho do PM, se eu era professor. Enfim, queriam saber de mim, da minha presença, do motivo de estar ali, conforme escrevi no meu diário de campo: “PM Instrutor 02 fala sobre a minha presença na sala de aula. Pergunta para alunos se sabem quem eu sou, alunos questionam se sou filho do PM Instrutor 02, se sou estudante, se sou professor.” (diário de campo, Bairro 3, 22-09-2015)

O interessante é que, depois de algumas visitas, os alunos não me viam mais como um estranho, eu era “praticamente um deles”, deixei de parecer, de me sentir, como cita MALINOWSKI, “um estranho no ninho”. Estava literalmente fazendo parte, estava efetivamente em contato com eles.

Além da etnografia das aulas ministradas pelos PMs Instrutores(as) nas quatro escolas, realizei também entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas, proporcionam ao pesquisador um roteiro de perguntas abertas, que permitem ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, sendo interrompido, somente quando o pesquisador perceber que o entrevistado está fugindo do assunto, nesse caso buscando retomá-lo. Conforme Antonio Carlos Gil (1989, p. 116) “O entrevistador permite o entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para sua retomada.[...]”

Esta concepção da entrevista semi estruturada é também corroborada por Michel Angrosino (2009, p. 67), segundo o qual, “[...] a entrevista semiestruturada segue de perto o tópico escolhido de antemão e apresenta questões destinadas a extrair informação específica sobre aquele tópico.[...]”

Com base nisso, foram realizadas um total de 14 entrevistas, sendo elas: quatro professores(as), quatro diretores(as) e seis PMs Instrutores(as) do PROERD. A duração média das entrevistas realizadas com cada PMs Instrutores(as) do PROERD foi de 40 minutos, sendo que algumas duraram uma hora. Já as entrevistas com professores(as) e diretores(as) das escolas, durou em média 15 minutos cada. O total de PMs Instrutores (as) do PROERD que atuaram no segundo semestre de 2015 foram nove, sendo cinco homens e quatro mulheres. Saliento que o roteiro de perguntas foi realizado após as observações de campo, possibilitando assim que eu pudesse formatá-lo e organizá-lo, de modo que atendesse e respondesse as questões, que não haviam ficado muito claras durante a observação de campo. O roteiro completo encontra-se nos anexos.

As entrevistas abrangeram aspectos pessoais, como local de nascimento e escolaridade; aspectos profissionais, tais como tempo de atuação na PM e motivos do ingresso; por fim, algumas questões voltadas especificamente ao profissional do PROERD, também dirigida aos motivos que os levaram a torna-se Instrutores(as) do PROERD, bem como sobre a formação pedagógica dos PMs Instrutores(as) do PROERD, e a importância do Programa.

Etapas da metodologia

A metodologia de pesquisa desenvolveu-se em três etapas:

1ª-No mês de agosto de 2015 foi solicitada a permissão ao PROERD, escolas participantes e ao comitê de ética para que a pesquisa estivesse totalmente de acordo com as normas burocráticas exigidas pela UFFS.

2ª-Entre os meses de setembro e novembro, realizou-se a observação participante em três escolas públicas e uma particular em Chapecó-SC. No total foram realizadas 27 observações participantes em sala de aula, sendo:

- Seis aulas do PROERD observadas na escola particular localizada no Centro de Chapecó-SC, no período matutino.
- Nove aulas do PROERD observadas na escola do Bairro 3, também na parte da manhã com uma PM Instrutora do PROERD. A outra observação se deu pela tarde, com um PM Instrutor do PROERD.
- Duas aulas observadas na escola do Bairro 1.

- **Cinco aulas observadas na escola do Bairro 2.**

As observações das aulas foram descritas no “meu diário de campo”.

Ressalto que inicialmente pretendia observar duas escolas particulares e duas públicas. No entanto, faltavam apenas duas escolas particulares para receber as aulas do PROERD no segundo semestre de 2015 e os horários e dias da semana coincidiam. Outro fato que dificultou foi o conflito de horários entre as observações das aulas do PROERD realizadas nos Bairros 3 e 1. Desta forma, optei por fazer um rodízio nestas escolas, ou seja, uma semana observava no Bairro 3 e outra no Bairro 1. Além disso, demorou mais de 1 mês para que ficasse pronta a autorização para observar a escola municipal.

No mês de novembro e início de dezembro, também foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com os policiais Instrutores (as) do PROERD, professores (as) e direção e observação participante de duas formaturas do PROERD.

3ª-Por fim, no decorrer do mês de dezembro de 2015 até maio de 2016 foram transcritas as entrevistas, releitura do diário de campo, análise e interpretação dos dados observados.

1 PROERD

O site da PM de Santa Catarina informa sobre a origem do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência) que é uma adaptação do D.A.R.E (Drug Abuse Resistance Educacion), programa que foi criado nos EUA no ano de 1983 e que objetivava prevenir o contato das crianças com drogas e violência.

O D.A.R.E chegou ao Brasil no ano de 1992, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro. O programa trouxe uma equipe de “mentores” americanos para ministrar o primeiro curso para a Polícia Militar brasileira. De 1992 até 1995, o PROERD foi ministrado “experimentalmente” em algumas escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro.

No ano de 1998, o PROERD ganhou autonomia e passou a ser dirigido por cada Comando de Patrulhamento de Área/Batalhão de Patrulhamento (CPA/BP) tanto na capital quanto no interior.

O PROERD chega em Santa Catarina em 1998 e dois anos depois torna-se o 4º Centro de formação de Instrutores(as) Proerd do Brasil, juntando-se com as Polícias Militares do Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal.

No segundo semestre de 2013 foi alcançado em Santa Catarina a marca de 1.000.000 crianças “atendidas” pelo PROERD.

Dia 16 de março de 2016 o PROERD catarinense completou 18 anos, e até o final de 2015 foram contabilizados 1.181.127 alunos do PROERD, além de terem atendido 265 cidades das 295 existentes.

1. 1 Objetivos do PROERD

O PROERD é um programa da Polícia Militar que tem como objetivo principal não o esclarecimento sobre as drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, e sim, como demonstra a matéria do site da PMSC:

“Expandir os conhecimentos dos alunos sobre a variedade de ações positivas que podem praticar em suas escolas e comunidades para que não se envolvam com o uso de álcool, tabaco e outras drogas e, também, ensinar estratégias de negação, habilidades de comunicação, afirmação e resistência para que possam aplicar essas habilidades de maneira adequada no desenvolvimento das várias situações da vida real”.³

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD consiste

³ <http://www.pm.sc.gov.br/cidadao/proerd.html> (visto em 27-04-2016 às 10:49horas)

em um esforço cooperativo estabelecido entre a Polícia Militar, a Escola e a Família.

O objetivo “principal do PROERD, é *capacitar jovens estudantes de informações e habilidades necessárias para viver de maneira saudável, sem drogas e violência.*” (GRIFOS MEUS)⁴ Secundariamente se propõe a:

- a) Trabalhar sobre as causas do uso de drogas lícitas e ilícitas estabelecendo sobre os riscos decorrentes da dependência química e orientando as crianças, adolescentes, assim como seus pais ou responsáveis, acerca da busca de soluções e medidas eficazes quanto à resistência às drogas;
- b) Fortalecer a auto-estima das crianças e adolescentes a valorizarem a vida, mostrando opções saudáveis de comportamento, longe das drogas e da violência;
- c) Sensibilizar as crianças e adolescentes para valores morais e éticos, possibilitando a visualização, bem como proporcionar a construção de uma sociedade mais justa, sadia e feliz;
- d) Disponibilizar aos pais e/ou responsáveis ferramentas para que, quando questionados sobre os efeitos negativos das drogas, possam atender às expectativas, bem como mostrar a importância do fortalecimento da estrutura familiar;
- e) *Prevenir a criminalidade relacionada direta ou indiretamente ao uso de drogas;(GRIFOS MEUS)*
- f) *Disponibilizar aos Policiais Militares técnicas pedagógicas adequadas para aplicação do programa para crianças, adolescentes e para pais e/ou responsáveis;(GRIFOS MEUS)*
- g) Ensinar e aprofundar os conhecimentos dos Policiais Militares quanto às drogas lícitas e ilícitas, questões legais sobre o tema e como proceder quando da constatação de alguma forma delituosa dentro e nos arredores do ambiente escolar;
- h) *Aproximar a Polícia Militar da comunidade escolar, e por conseqüência da comunidade em geral. Proporcionando um clima de parceria e confiança, gerando informações tornando possível um melhor atendimento aos anseios sociais, bem como mostrar a importância do papel social da corporação.(GRIFOS MEUS)*
- i) Desenvolver o programa, da Polícia Militar, *de prevenção primária ao uso das drogas*, alertando sobre os malefícios causados à saúde física e mental do usuário das referidas substâncias.”⁵

4 Grifei os objetivos que foram foco deste trabalho.

5 Segundo o site <http://www.pm.sc.gov.br/cidadao/proerd.html?id=2> (visto em 27-04-2016 às 10:49horas)

Objetivos do PROERD Chapecó-SC

Os objetivos descritos abaixo, foram repassados pelo PM 01 durante minha primeira visita a sala do PROERD.

“Objetivos Gerais: desenvolver um sistema de prevenção a violência e ao uso indevido de drogas nas escolas da cidade de Chapecó e região para crianças e adolescentes, através da educação, usando métodos que priorizem a moral, os bons costumes, a afetividade e os modelos de vida sadia e saudável, de acordo com a nossa realidade, bem como expandir seus conhecimentos sobre os riscos e efeitos físicos e emocionais do uso destas substâncias, para que desenvolvam autonomia com ênfase especial a resistência às drogas e violência.

Objetivos Específicos:

1. Expandir os conhecimentos dos alunos sobre a variedade de ações positivas que podem praticar em suas escolas e comunidades para que não se envolvam com o uso de álcool, tabaco e outras drogas.
2. Ensinar estratégias de negação, habilidades de comunicação, afirmação e resistência para que possam aplicar essas habilidades de maneira adequada no desenvolvimento das várias situações da vida real.

3. Proporcionar integração maior entre Polícia, Comunidade Escolas e Família.”⁶(GRIFOS MEUS)

No site tudosobrechapeco o Sargento Paulo Enrique Pompeo discorre sobre o PROERD:

“O Proerd é desenvolvido todos os anos pela PM com objetivo de informar os alunos e evitar o primeiro contato com as drogas. Segundo o Instrutor, sargento Paulo Enrique Pompeo, os alunos do programa estão numa faixa etária em que se torna fundamental o esclarecimento sobre assuntos que surgem como novidade para eles. *A meta é evitar que as crianças e jovens conheçam as drogas de maneira distorcida, sem saber das verdadeiras consequências que seu uso pode ocasionar.”⁷(GRIFOS MEUS)*

O site da PM de Santa Catarina informa:

Em dezessete anos, o PROERD já formou mais de 91.718 crianças na área de atuação do 2ºBPM/Fron e mais de 56.008 crianças na cidade-sede do batalhão, em Chapecó.⁸

⁶ cedido pelo PM Instrutor 01 durante minha primeira visita a sala do PROERD no Batalhão de Chapecó

⁷ http://www.tudosobrechapeco.net/index.php/desc_noticias/pm_inicia_aulas_do_proerd_em_chapeco (visto em 27-04-2016 às 10:52horas)

⁸ <http://www.pm.sc.gov.br/noticias/chapeco-mais-de-1300-alunos-dizem-nao-as-drogas-e-a-violenciagf.html> (visto em 27-04-2016 às 10:49horas)

1. 2 Primeiro contato

Foi já dentro da escola, no centro de Chapecó e durante meu estágio de licenciatura no curso de Ciências Sociais, no início do mês de agosto de 2015, que pela primeira vez tomei conhecimento do PROERD. Curioso, ao avistar dois PMs entrarem na escola e se dirigirem à secretaria. Tão logo os vi, me dirigi até eles, questionando-os sobre suas visitas. Muito bem recebido por eles, me explicaram que estavam ali para tratar do PROERD.

PROERD!? – exclamei em tom interrogativo – até aquele momento eu nunca tinha ouvido falar em PROERD.

A resposta imediata dos PMs foi a seguinte, é o PROERD “tratava de um programa da PM, que ensinava aos jovens do 5º ano, formas seguras de dizer não as drogas e a violência”. Aproveitando-me do contexto, comentei com eles que realizaria uma pesquisa, e que esta pretendia relacionar o tema “Drogas” às escolas, salientando assim a ligação direta entre o programa e a minha pesquisa. Prontamente, os PMs mostraram-se dispostos a colaborar, providenciei seus contatos e nos despedimos. Após isso, fiz os contatos com os responsáveis, e marquei um horário para melhor conhecer o PROERD e seus respectivos Instrutores(as).

Chegando no Batalhão fiquei um pouco receoso, pois era a primeira vez que eu adentrava naquele lugar. Lugar que tudo parecia tão “organizado”, “regrado”, todos muito bem-vestidos em seus uniformes, utilizando pronomes de tratamento, respeitando as hierarquias. Perguntei ao PM na recepção aonde ficava a sala do PROERD e me dirigi a mesma. Chegando lá fui bem recebido pelos PMs Instrutores(as) do PROERD, conversamos sobre a pesquisa que eu propunha realizar, mantendo foco na região, mais especificamente em Chapecó-SC. Gentilmente me cederam os materiais que utilizam como “guia”, para ministrar o PROERD, agradei a atenção e nos despedimos.

Dia 12 de agosto de 2015 enviei em e-mail para o 2BPMPROERD solicitando as escolas em que o PROERD ministraria aulas no segundo semestre de 2015. No mesmo dia me encaminharam a lista das escolas.

Uma semana depois, (Dia 19 de agosto) envio um novo e-mail pedindo o nome dos PMs Instrutores(as) do PROERD, as escolas, turmas, dias e horários que cada um ministraria as aulas. A resposta foi que só poderiam me passar essas informações após eu enviar um ofício pedindo autorização ao Comando do 2º BPM, que deveria ser um ofício físico para ser protocolado. Dia 24 de agosto de 2015 levei o ofício solicitado no batalhão e protocolei.

Porém, a PM me informou que eu também deveria enviar esse ofício para Florianópolis pedindo permissão para a pesquisa.

Após uma semana recebo um e-mail informando que havia chegado a nota do ofício encaminhado à Florianópolis, autorizando minha pesquisa. Também me enviaram a lista das escolas e PMs Instrutores(as) do PROERD com suas respectivas turmas, números de seus celulares para contato e agendamento de segunda a quinta feira nas turmas matutinas e vespertinas dos 5º anos. Depois disso dei início à seleção das escolas que faria as observações das aulas.

Saliento que inicialmente pretendia observar duas escolas particulares e duas públicas, porém, para o segundo semestre de 2015 havia disponibilidade de realizar em apenas duas escolas particulares onde o PROERD ainda não havia ministrado, as outras foram atendidas no primeiro semestre de 2015. Além disso, nas duas escolas particulares os PMs Instrutores(as) do PROERD ministravam suas aulas simultaneamente, na quinta-feira às 10h15min da manhã. Sendo assim, observei uma das duas escolas particulares e acrescentei uma escola pública a mais no meu campo de pesquisa.

A documentação apresentada nas escolas foi a seguinte: permissão do Comando do 2º BPM do PROERD, uma carta de apresentação do acadêmico, orientador, instituição, explicando acerca da observação participante. Nas escolas estaduais foi necessário também a apresentação do documento assinado pela GERED permitindo a observação nas escolas estaduais e na escola municipal foi necessário a permissão da Secretaria de educação, permissão esta que demorou cerca de um mês para ser elaborada e entregue.

1. 3 Seleção dos PMs Instrutores (as) do PROERD e visões da PM sobre o PROERD e seus Instrutores (as)

Os candidatos a futuros PMs Instrutores(as) do PROERD passam por uma espécie de seleção interna, ou seja, os membros atuais do PROERD indicam PMs com características que eles consideram necessárias que o PM Instrutor(a) do PROERD possua: não fumar, beber socialmente, formação em humanas, gostar de crianças. Além disso, a seleção para PMs Instrutores(as) do PROERD exige uma redação e também uma entrevista com os candidatos.

Posteriormente, fazem o curso de formação dos PMs Instrutores(as) do PROERD, curso esse que costuma acontecer em Florianópolis-SC e que tem duração média de 12 dias. Segundo a PM Instrutora 03, os PMs em formação permanecem esses 12 dias fechados em

um hotel recebendo instruções sobre pedagogia, didática, palestras com vários professores na área do PROERD, psicólogos, pedagogos, professores formados em direito, psicopedagogos entre outros profissionais.

Durante a entrevista, perguntei ao PM Instrutor 01 qual era o perfil desejado para tornar-se PMs Instrutores(as) do PROERD. Segundo ele, o PM Instrutor(a) não pode ser fumante, “baladeiro”, e nem beber publicamente. E prossegue dizendo que o PM Instrutor(a) do PROERD deve ter um comportamento ideal, ou seja, possuir uma ficha de conduta na PM que seja exemplar, pois somente desta forma ele poderá falar tudo aquilo que ele realmente vive, também deve gostar de crianças, ser dinâmico, possuir boa oratória e caligrafia. Em outras palavras, deve ser um educador exemplar, didático e querido pelos estudantes.

Como podemos perceber, esse perfil desejado para tornar-se PM Instrutor(a) do PROERD, condiz com alguns requisitos na formação do pedagogo, porém, se próximo ou quase que semelhante com a formação pedagógica, será que tal perfil condiz com a formação militar, ou mais precisamente, com a formação do policial militar? A conduta disciplinar dos PMs, ajuda ou atrapalha tais Instrutores(as) da PM, afinal, ao se chocar diante da indisciplina presente nas escolas, estariam eles preparados didaticamente para sem a punição, didaticamente reverter a situação? Ou será que a farda e os instrumentos repressivos utilizados pela PM, já seria garantidora do respeito e da ordem em sala de aula?

As ideias de Michel Foucault (1999), explicam sobre a formação ou moldação do soldado na passagem do século XVII para o século XVIII.

o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa uniforme, de um corpo inapto, fez-se a máquina que se precisa; corrigiram-se aos poucos suas posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia a ele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos.(FOUCAULT, 1999, p. 117)

FOUCAULT (1999) denuncia a fábrica de soldados da modernidade, onde corpos são educados, docilizados, feitos conforme a fôrma. Uma vez formados ficam ali, disponíveis, alienados as ideias sutilmente incutidas em suas (in)consciências. A repressão e o medo são necessários. Vigiar e punir é imprescindível. Os estudos de FOUCAULT estendem-se e denunciam meios de controle – escola x alunos, presídios x presidiários, sanatórios x insanos.

Porém, como sabemos, a modernidade fracassou, promoveu guerras, genocídios, ódios entre aqueles que sonhavam com a fraternidade. Ficou longe de seus objetivos primeiros, que era emancipar o ser humano.

Diante disso, não é surpresa observarmos que o PROERD, está longe de ser uma unanimidade dentro da polícia, embora possamos também observar que aqueles que dele

participam, acabam compreendendo sua importância, mudando muitas vezes suas formas de pensar, como aponta o PM Instrutor 02:

Hoje que estou aqui (PROERD), e de onde vim dentro da corporação, eu acho que seria importante, pelo menos, se não passar pelo curso, passar pela experiência de entrar em sala de aula. Essa experiência de entrar em sala de aula, ela pode fazer aquilo que a gente chama de tirar a carcaça do polícia, que o polícia endurece o coração porque é muita desgraça na rua, então ele acaba ficando um cara fechado, e quando ele entra em contato com alguém que está mais na pureza ele acaba desarmando um pouquinho, então acho que seria importante. (Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD)

No próximo subcapítulo, trato dessa visão conflituosa entre os PMs diante do programa, e no capítulo II, busco compreender melhor a questão das relações de gênero e da autoridade, a partir de algumas dinâmicas observadas durante as aulas e também dos “combinados do PROERD”.

Como foi apontando, o PM Instrutor(a) do PROERD, possui toda capacitação de um Policial Militar, pois é formado primeiro como PM e só depois poderá tornar-se Instrutor(a) do PROERD.

Porém, a primeira vez que fui até o batalhão de Chapecó-SC para conhecer o PROERD, percebi alguns comentários de outros PMs desmerecendo tanto o pesquisador quanto o programa. Os comentários expressos resumiam-se em: “Com tanta coisa para pesquisar no batalhão vão pesquisar justamente o PROERD”, sendo assim, no subcapítulo a seguir questiono qual é a visão dos PMs acerca do PROERD e seus PMs Instrutores(as).

1. 4 Visões da PM sobre o PROERD

Segundo os PMs Instrutores(as) do PROERD entrevistados, quando o PROERD surgiu os PMs Instrutores(as) do PROERD sofriam preconceito pelos seus companheiros da PM. Segundo o PM Instrutor 01, é evidente a resistência por parte de alguns colegas de trabalho.

Eles acham que ser Instrutor(a) do PROERD é estar mal-empregado, que poderiam estar atuando na rua, fazendo repressão. Só que nós fazemos o serviço que eles fazem, fazemos o serviço operacional como eles fazem, só que eles não fazem o nosso serviço, e muitos não teriam perfil para fazê-lo. Então fazemos uma parte a mais que eles, pois trabalhamos na rua e também no PROERD.(Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

Dentro da mesma linha de pensamento o PM Instrutor 02 também afirma que boa parte da corporação não vê o PROERD com bons olhos. Segundo ele, principalmente por dar aulas ao invés de trabalhar na rua. O militar deve ser “o fodão na rua”. PM Instrutor 02 recorda, que ele mesmo “não via o PROERD com bons olhos, e que na verdade nem sabia

muito bem o que era o PROERD, mas que quando foi se inteirando do assunto, percebeu que é possível e necessária uma outra tentativa, abordagem, com a sociedade”. Devemos ressaltar aqui, que a mudança do olhar do PM Instrutor 02 sobre o PROERD, é extremamente significativa, se pensarmos que ele é um exemplo de policial que foi transformado pelo conhecimento.

A PM Instrutora 03 diz que a PM vê o PROERD de dois modos distintos. O primeiro positivo, pois segundo ela, a instituição polícia e a comunidade já perceberam a importância do PROERD. Segundo ela, faltam Instrutores(as) para atender todas as escolas, e tanto a comunidade, como as secretarias de educação municipal e estadual, “suplicam” para ter aulas do PROERD nas escolas. Com relação aos colegas, a PM Instrutora 03, diz que alguns não conhecem direito o PROERD, e nunca viram as aulas. Sabem que é importante, mas acham que é bom estar no PROERD porque não se faz nada. Que quem faz o PROERD vai lá dar umas “aulinhas” e pronto. Segundo a policial educadora, os colegas da PM não percebem que para ser Instrutor(a), também se faz necessário preparar-se.

Atualmente, todos os PMs em formação passam por um breve curso para conhecer, entender, o que é e como funciona o PROERD, isso tende a diminuir alguns preconceitos sobre o programa. Ainda assim, como demonstram os depoimentos acima, existem muitos PMs que julgam negativamente, desacreditam no PROERD, creem que o trabalho da PM deve continuar sendo repressivo, que policiais de verdade devem estar nas ruas prendendo bandidos. Essa é a visão que ainda predomina na PM. Porém, segundo os depoimentos dos PMs Instrutores(as) entrevistados(as), parece que esta visão está mudando. Muitos dos PMs que eram contra o PROERD ouviram seus filhos falando sobre o Programa, e acabaram percebendo que suas ideias sobre o PROERD estavam equivocadas. Segundo o PM Instrutor 01, “Muitos filhos de PMs passaram pela nossa mão, então muda-se um pouco de ideia(...) mas a gente sofreu bastante preconceito até hoje, pirruadinha (deboches).” (Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

A PM Instrutora 03 aponta que estando no PROERD você está ligado 24 horas com o aluno, além de trabalhar e ser PM você também faz um trabalho social, “fica no sentimento do aluno”, a parte emocional é atingida. Os colegas da PM que tem filhos veem todo esse trabalho e dizem que o programa é bom, mas os que não tem filhos que participam do PROERD e por ser um trabalho de “formiguinha” acham que não tem trabalho nenhum em ser PM Instrutor(a) do PROERD.

O PM Instrutor 05 corrobora com a ideia de que todos os PMs deveriam passar pelo

treinamento do PROERD. Segundo ele, a PM ficaria mais humanizada, aprenderia coisas para além da pura repressão. Salienta ainda que isso está mudando, que os antigos eram apenas repressão, e que atualmente os PMs já estão entrando com alguma graduação, habilitados na área de educação, direito, educação física. Entram na PM com uma mentalidade um pouco diferente. Antigamente bastava o 2º grau para ingressar na PM e entravam com o intuito de trabalhar apenas na rua.

Como podemos observar, conflitos existem, e evidentemente que continuarão a existir. Enquanto existirem conflitos, existirão diálogos, movimentos, tentativas de entendimento e de acerto. E aqui, diante da ascensão feminina, cabe pensarmos e buscarmos analisar tanto a forma como enxergam o PROERD, bem como são recebidos pelos alunos em sala.

O próximo capítulo busca compreender melhor essa questão.

2 ETNOGRAFIA DAS AULAS DO PROERD

Partindo da observação de campo realizada nas quatro escolas de Chapecó-SC, nos subcapítulos a seguir, tratarei das relações de poder entre PMs Instrutores homens e mulheres bem como as dinâmicas utilizadas pelos mesmos(as) nas aulas do PROERD ministradas aos alunos do 5º ano das escolas de Chapecó-SC, abordarei também as diferenças entre escolas públicas e particulares, drogas e estigmas, visão e relação dos PMs Instrutores(as) com professores(as) e direção, objetivos propostos e importância do PROERD.

Antes de falarmos especificamente sobre as relações de poder entre PMs Instrutores homens e mulheres, é importante compreendermos do que tratam tais relações. Para isso, nada mais justo que recorrermos às pesquisas de Michel Foucault, que buscou entender o poder nas suas menores partes, nas micro relações a que todos estamos dispostos. Segundo o filósofo francês, quando falamos de relações de poder, e mais precisamente da microfísica do poder, entendemos que

trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que organizam e delimitam (...) Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício. (FOUCAULT, 1979, p. 182)

Foi buscando observar essas pequenas relações ocorridas entre os e as PMs, ou em outras palavras, entre os policiais de diferentes sexos e suas relações com os alunos na escola, bem como as dinâmicas ou combinados sobre os quais o PROERD é apresentado, que esse capítulo se destina.

2. 1 Relações de poder entre PMs Instrutores homens e mulheres e as dinâmicas do PROERD.

Primeiramente é importante salientar que a ideia de observar as relações dos(as) PMs com os estudantes, relacionando-as com o sexo, se deu após o diálogo com um Policial Militar Instrutor do PROERD, que informalmente afirmou que as PMs mulheres Instrutoras do PROERD teriam uma maior aceitação por parte dos estudantes, se comparadas aos PMs homens. Segundo o policial militar, isso se dá pela relação com a “figura materna”(afetividade, fragilidade). Por outro lado, os PMs homens Instrutores teriam maior autoridade perante os estudantes, o que se relacionaria à “figura paterna”.

Voltando aos fatos observados durante as aulas do PROERD, realmente são notáveis algumas diferenças no exercício da autoridade e no controle da situação entre PMs Instrutores

homens e mulheres. O depoimento da PM Instrutora 03 elucida bem isso, quando ela afirma que o fim de um tumulto gerado no pátio de uma das escolas, só teve fim com a chegada do PM homem, mesmo ela estando fardada, equipada e treinada da mesma forma que o PM homem.

A figura masculina dá medo, eles tem um pouquinho mais de medo, em compensação, por nós sermos mulheres eu achei um pouco mais na questão do respeito. O respeito, mas não na hora de acontecer algo, se der algo na escola, o enfrentamento para nós (mulheres), eles teriam mais enfrentamento, “sexo mais frágil”, e os homens, eles (alunos) têm mais medo. Medo diferente, tem o respeito, mas eles têm medo. Até teve ocorrência ontem, quando fui entrar na escola a menina não quis saber e foi para cima do guarda, e a menina não quis saber se eu estava lá ou não, mas, quando o PM homem chegou, todos ficaram quietos, se aquietaram todos ficaram com medo, então assim, a figura masculina ainda é diferente. Sou mulher mas tenho que admitir isso, a visão da sociedade ainda é diferente diante disso. Porém, a questão amorosa, ligada ao materno, eles vem, me abraçam, querem que eu abrace, me abraçam forte, aquela questão maternal, a gente sente isso, a gente vê isso, e com certeza, com o PM homem deve ser mais de amigo, enquanto com nós é mais maternal mesmo, a gente sente isso. (Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

Essa diferença entre homens e mulheres também pode ser observada na descrição que fiz no meu diário de campo realizada durante uma aula do PROERD na escola do Bairro 1:

Alunos pedem para a PM Instrutora 03 se ela já trabalhou no Bairro. PM Instrutora 03 responde que no Bairro trabalhou pouco, que a situação ali é complicada, que na maioria das vezes os homens que são chamados para vir ali, que apenas 2, 3 mulheres já trabalharam ali e também que os PMs fazem uma rotatividade no Bairro, que alguns policiais estavam há muito tempo trabalhando no Bairro e começaram a criar vínculos com os moradores, traficantes, e que por isso agora é feita uma rotatividade, para que não se criem vínculos. (diário de campo, escola do Bairro 1, 22-09-2015)

Esses fatos apontam que mesmo havendo uma igualdade nos salários do PM homem e mulher, ou mesmo a PM mulher possuindo uma hierarquia maior do que a do PM homem, a mulher não recebe o mesmo tratamento, não tem a mesma autoridade que o PM homem e por isso poucas são chamadas para adentrar nos Bairros “vulneráveis”.

O depoimento da diretora da escola do Bairro 2 acrescenta:

Dá para perceber a diferença, não sei se é por medo, receio, ou aquela história toda cultural que nos temos né? A questão é que o policial homem acaba impondo um pouco mais de respeito. Tem toda a questão histórica, a grande maioria dos policiais são homens, a gente vivenciou isso ao longo de toda nossa vida e da vida deles também. Quem são os policiais? São os homens. São poucas mulheres, então, ainda está se construindo toda essa ideia da mulher policial. Então se é um PM homem acaba impondo mais respeito, porque é homem? Sim ainda existe, ainda temos isso, é questão cultural, isso vem de décadas, de séculos talvez. (Entrevista, Diretora da escola do Bairro 2, 08-12-2015)

A professora da escola do Bairro 2, concorda com a diretora, e afirma haver

diferenças. Segundo ela, na presença do policial homem, os alunos ficam “mais assim né...” retraídos, já com a policial mulher eles são mais “danados”, não tem tanto medo.

É diferente, com o policial homem eles ficam mais assim né... mas com a policial mulher eles já são mais danados, eles não tem tanto medo assim. (Entrevista, professora da escola do Bairro 2: 10-12-2015, sala da direção da escola do Bairro 2)

Pelo olhar do PM Instrutor 05, a mulher trabalha de um forma diferente do homem, e por mais que o aluno saiba que existem mulheres na PM, eles não veem tanto a presença delas na rua, no dia a dia. O imaginário do aluno é construído na imagem de um policial que prenda as pessoas, vá atrás de ladrões, atire. E a imagem da mulher é mais fraternal, uma mãe, uma amiga. Então eles têm essa figura do homem ainda como “O” policial, e a mulher ainda separada da função policial, mesmo sabendo que existem mulheres na PM, que fazem a mesma coisa que os homens, que têm os mesmos direitos.

Durante a entrevista semi estruturada pergunto ao PM Instrutor 01 se há diferença na abordagem, na autoridade, exercida entre PM homem e a PM mulher, seja perante os alunos, escola, Bairro, batalhão, ele informa:

Bastante, dependendo assim, colégios vulneráveis que temos em Chapecó, são vários Bairros, então sempre temos a ideia de colocar um **masculino e um feminino** e quando não dá, colocamos duas femininas, mas mesmo assim é perigoso, temos várias mulheres operacionais, mas tem outras que nem tanto, mesma coisa com os homens. E a criança, o adolescente, eles pegam o fraco, provocam, testam, então tem que ser firme, então a gente sempre tenta colocar dois Instrutores, geralmente um casal. (Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

O depoimento a seguir diverge dos demais citados acima. Segundo o PM Instrutor 02 a polícia é distinguida pela farda e não pelo sexo.

Não, particularmente acho que não tem diferença porque o currículo é o mesmo né, até porque a figura masculina do policial, do homem, ela não difere da figura policial feminina, porque a polícia é distinguida pela farda, então se é uma menina que tá ali, se é um homem que tá ali, não muda, porque a farda policial vai mostrar que tem autoridade, por isso todos os Instrutores(as) do PROERD vão fardados e armados dentro da escola, justamente porque esse é o impacto, é a polícia lá dentro, não é o homem ou a mulher, é a polícia lá dentro. Os alunos sentem este mesmo nível de respeito independente se é masculino ou feminino. (Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD)

Mas, podemos nos perguntar, será que na prática é isso mesmo que acontece? Será que a farda dos(as) PMs, que em teoria deixa todos iguais, padronizados, é o bastante para proporcionar igualdade entre homens e mulheres na PM? Buscando responder essa questão apresento o histórico da **Inclusão das mulheres na Polícia Militar**.

Segundo Marcos Antonio de Melo (2013, p. 7), a primeira corporação da PM no Brasil a recrutar mulheres foi a PMSP (Polícia Militar de São Paulo), no ano de 1955. Essa ideia teria partido de um grupo de assistentes sociais em 1953, que percebeu a necessidade de um

atendimento mais “especializado” em situações que envolvessem menores, mulheres e idosos. A ideia foi aprovada através do decreto número 24.548 e assim deu início o Corpo de Policiamento Especial Feminino em São Paulo. A PM do Paraná foi a segunda a possuir mulheres na corporação. Em 1983, a PM de Santa Catarina seguiu o mesmo feito, através da lei nº 6.209, sendo que em junho do mesmo ano iniciou o primeiro curso de formação de sargentos com 31 alunas.

Segundo MELO (2013, p. 22) (site da PMSC 2013), “a instituição possui um efetivo de aproximadamente doze mil policiais, dentre eles 587 são mulheres.” E prossegue dizendo que nos primeiros 10 anos a atuação das PMs mulheres restringia-se ao policiamento de trânsito e atendimento de ocorrências e de auxílio as comunidades com crianças, idosos e mulheres. Além disso, com medo de que as mulheres ficassem masculinizadas, o comando incluiu que elas “tomassem vários cuidados”, dentre eles, segundo MELO (2013, p. 34-35) “Por exemplo, na farda: o traje operacional nos primeiros tempos era a saia calça com meia fina e sapato social e de salto baixo. Posteriormente foi inserido o uso de bota de cano longo até a metade da coxa no inverno.”

Além disso, MELO (2013) acrescenta que durante o período de formação, as mulheres deveriam manter:

Cabelos curtos e presos, rostos maquiado, unhas pintadas e pernas depiladas, além de adereços como, brincos, anéis, pulseiras, correntes, tudo em tons discretos, conforme descrito nos manuais. Nos homens, além do cuidado com o fardamento, era necessário estar sempre com os cabelos e barba sempre feitos.(MELO, 2013, p. 37)

Para justificar essas cobranças, segundo MELO (2013), os superiores argumentavam que a imagem dos PMs deveria servir de exemplo de conduta para a sociedade, já para as PMs mulheres justificavam que servia para que sua feminilidade não se perdesse.

Sendo assim, o modelo tradicional de formação da PM busca “criar” homens que se aproximem ao máximo da masculinidade hegemônica, baseada em comportamentos capazes de reprimir sentimentos, fraquezas e ser forte e competitivo o tempo todo. As mulheres por sua vez devem ser mais “cuidadasas” e vestir-se com alguns adereços para que não perca sua feminilidade. Judith Butler (1998) afirma que esse “sujeito ocidental masculinizado” não é capaz de existir o tempo todo, é um ideal a ser alcançado para os homens e que permeia algumas esferas do Estado, como a política. Sendo assim, para ser aceita na política, o comportamento da mulher deve ser o mais próximo possível deste sujeito masculino hegemônico. Porém, a PM, como citado acima, não deseja que as mulheres tornem-se masculinizadas, e por isso, adotou medidas para que as mulheres não perdessem sua

feminilidade.

SARTORI (2011), corrobora com o argumento de BUTTLER e afirma que:

A masculinidade hegemônica não se refere unicamente aos comportamentos masculinos da maioria das pessoas, mas sim a um comportamento que tanto pode ser encontrado em homens ou mulheres, pois uma pessoa de qualquer sexo pode comportar-se de forma masculina ou feminina.(SARTORI, 2011, p. 35)

MELO (2013) prossegue dizendo que apenas no ano de 1999 as mulheres começam a concorrer às mesmas vagas e a trabalhar como operacionais masculinos, seja na Cavalaria, Canil BOPE, presídios, Polícia Militar Rodoviária. Sendo assim, não há mais diferenças no emprego em si, as PMs podem atuar em qualquer atividade da PM, porém, o ingresso para elas é de apenas 6% do efetivo.

Uma reportagem do site Redecomsc informa sobre esse ingresso de 6%:

“de um total de 1000 vagas que estavam em aberto, 144 não foram preenchidas. Isso ocorreu devido a Lei Estadual nº 587, que em seu art. 06, define que o efetivo feminino policial será de até 6% no preenchimento das vagas em concursos públicos. Sendo assim, neste concurso as 60 vagas femininas foram preenchidas, porém, não foram preenchidas todas as 940 vagas do sexo masculino por alguma pendência nos critérios de seleção. Graças a isso em todos concursos públicos, forma-se um cadastro reserva, que reúne aprovados no concurso mas que por ordem de classificação não são chamados inicialmente, no caso do concurso da PM, esse cadastro é formado por 209 mulheres, que não podem ser chamadas mesmo com sobra de vagas, pois a cota máxima disponibilizada para o sexo feminino (60 vagas) já foi preenchida.”⁹

Podemos questionar o porque disso, se todos recebem o mesmo treinamento e equipamento? Será que a “voz” da mulher vale menos? Não assusta tanto quanto a do homem?

Ainda na mesma notícia do site Redecomsc, as mulheres que estão no cadastro reserva da PM, iniciaram reivindicações buscando alterações na lei. Elas alegam discriminação de gênero e pedem que o estado mude esse critério de ingresso na PM.

O senso comum ainda sente mais “medo” da figura do policial homem. Isso, como sabemos é uma construção social, aonde a maioria ainda acha o homem superior e a mulher inferior, o homem é tido como forte e a mulher como fraca, o homem que mantém o sustento da casa enquanto a mulher cuida das crianças, predomina a ideia da mulher como frágil, que serve para cuidar dos filhos, ligação com a maternidade.

Segundo Ari Sartori (2011), essa construção social inicia antes mesmo de nascermos, ou seja, não nos é dada escolha. Cada cultura, de acordo com a sua moral, rotula o que é de menino e que é de menina, impondo assim a fragilidade à mulher e a força ao homem. Nas palavras de Sartori:

⁹http://redecomsc.com.br/portal/noticias/policia/Mulheres_aprovadas_em_concurso_da_pm_pedem_aumento_d_e_vagas_9344, (visto em 26-04-2016, as 15:54 horas)

[...]logo ao nascermos, ou ainda dentro do útero (graças às tecnologias como ultrassonografia.) as crianças são “rotuladas” conforme atributos de gênero: aos meninos são socialmente construídos atributos como força, controle dos sentimentos, cor azul; às meninas, os atributos como delicadeza, passividade e expressão das emoções, afetividade, cor rosa.(SARTORI, 2011, p. 29)

STOLLER, Robert; HERDT, Gilbert H. (1993), apontam que o determinante da identidade e comportamento de gênero do ser humano não se dá pelo biológico, mas sim pela existência e vivência destes indivíduos.

Assim, serão as experiências que cada ser humano, a partir do nascimento e diante de uma sociedade que tem uma cultura pré-definida e uma moral já constituída, que definirão suas ideias, sua identidade e sua forma de ver o mundo. Serão os significados transmitidos pela sociedade, por meio das palavras que cada cultura atribui às coisas, aos seres e às relações, que fará com que cada um de nós se identifique e valora o mundo. Tomar consciência disso, compreendendo que as ideias possuem uma história, é tomar ciência que o presente além de ser o que é, é o que está por vir, ou seja, ele se movimenta e pode ser reconstruído. Olhar para o passado é importante, mas como diz Joan Scott (1995):

aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas significam, têm uma história. Nem os professores da Oxford nem a Academia francesa têm sido plenamente capazes de represar, de aprisionar e fixar o significado, de uma forma que seja independente do jogo da invenção e da imaginação humanas.(SCOTT, 1995, p. 71)

Ainda com relação à construção cultural e moral de cada sociedade, é relevante observarmos os estudos que Margaret Mead realizou em três sociedades da Nova Guiné, e que estão descritos no livro “Sexo e Temperamento” (2000).

O estudo de MEAD é importante para relativizarmos a moral e compreendermos a construção cultural, afinal, seus estudos deixam nítido isso quando ao analisar as tribos dos Arapesh, Mundugumor, e Tchambuli, constata que entre os Arapesh não havia guerra ou qualquer tradição de caçar cabeças.

A guerra é praticamente desconhecida entre os Arapesh. Não há tradição de caça de cabeças, nem sentimento de que, para ser corajoso e másculo, deve-se matar. Na verdade, os que já mataram outros homens são encarados com certo mal-estar, como indivíduos ligeiramente apartados.(MEAD, 2000, p. 47)

Já entre os Mundugumor tanto homens como mulheres eram “caçadores de cabeça”, ou seja, comportavam-se de forma agressiva, guerreiros (as), a mulher não era tida como sensível, fraca, se comparadas às mulheres da sociedade americana. Segundo MEAD (2000, p. 219) “O caráter Mundugumor ideal é idêntico para ambos os sexos; como se espera que homens e mulheres sejam violentos, competitivos, agressivamente sexuais, ciumentos.”

SARTORI (2011) discorre sobre a contribuição dos estudos realizados por Margareth Mead. Segundo ele, tais pesquisas

rejeitam o determinismo biológico de outros termos, como “sexo” ou papéis sexuais”, o termo “gênero” procura distinguir a categoria homem/mulher (vinculada ao biológico) e a categoria masculino/feminino (relacionada aos aspectos sociais), estabelecendo dessa forma mais claramente as diferenças conceituais entre sexo e gênero. (SARTORI, 2011, p. 30)

Sendo assim, os “papéis de gênero” são construídos socialmente, pois variam de indivíduo para indivíduo e de uma sociedade para outra.

SCOTT define gênero em duas partes, mas salienta que essas partes são interligadas:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não é unidirecional. (SCOTT, 19895, p. 86)

Para além disso, SARTORI (2011) problematiza a escola como sendo:

[...]um dos espaços nos quais se constroem, para além dos conteúdos curriculares, as idéias, os significados, os (pre)conceitos, as concepções e os modelos que consideramos que sejam “ideais” de homens ou mulheres. É o que chamamos de currículo oculto, ou invisível, da nossa prática pedagógica. (SARTORI, 2011, p. 36)

Partindo desta citação feita por SARTORI, torna-se cabível problematizar uma das dinâmicas utilizadas pela PM Instrutora 03 durante uma aula do PROERD.

Segue o relato do diário de campo:

PM Instrutora 03 pede para que façam duplas.
PM Instrutora 03 distribui uma palavra para cada aluno e da 1 minuto para que cada um da dupla fale para colega sobre palavra que ganhou, depois inverte.
PM Instrutora 03 pede 3 duplas na frente da sala. Dupla de meninos vão falar sobre futebol, de meninas sobre novela e outra dupla sobre esportes. PM Instrutora 03 diz para saírem da sala ensaiar. (diário de campo, escola do Bairro 1, 20-10-2015)

Quando a PM Instrutora 03 cita que os meninos devem falar sobre futebol e as meninas sobre novela, ela, provavelmente sem perceber, reproduz os papéis de gênero, que segundo SARTORI (2011, p. 31) “se forma do conjunto de normas e prescrições que a sociedade e a cultura ditam sobre o comportamento masculino e feminino”, sem questioná-los. Além disso, não estimula os alunos a pensar diferente, não propicia que as crianças vivenciem papéis de gênero.

O motivo mais comum deste receio, em permitir que a criança vivencie papéis de gênero, seja pelos pais, professores(as), direção da escola é o “medo da homossexualidade”. O senso comum crê que a criança, por exemplo, um menino usar roupa rosa, pintar as unhas, ele irá tornar-se um homossexual, e vice versa, caso a menina jogue futebol, brinque de carrinho.

Essa dinâmica utilizada pela PM Instrutora 03 teria potencial para problematizar, por exemplo: se os meninos falassem sobre novela e as meninas sobre futebol, poderiam surgir discussões sobre o que é gênero, como ele é construído. A partir daí seria possível prosseguir no assunto e discutir também sobre papéis de gênero, orientação sexual...

Dando prosseguimento à nossa pesquisa, as observações de campo indicaram quanto ao “controle da turma”, é possível que o PM Instrutor homem atinja tal controle objetivo com mais facilidade. E isso tanto pelas questões culturais já expostas, bem como pela observação dos depoimentos citados nesse trabalho. Porém, não podemos confundir controle de turma e aprendizado. Ter medo e permanecer em silêncio, não significa ter aprendido alguma coisa. Talvez as PMs Instrutoras consigam uma maior aproximação afetiva com a turma e isso torne as aulas mais interessantes, torne a turma mais participativa.

O depoimento da professora da escola do Bairro 3 vem de encontro com essa questão, segundo ela, não se trata da “figura”, homem ou mulher, e sim da personalidade,

Não é a figura, eu acho que é a personalidade, é o jeito de cada um. Eu já tive Instrutoras que também foi bem significativo, a personalidade da Instrutora da manhã era diferente do da tarde, eu acho que não é questão de homem e mulher, eu acho que é personalidade, a didática, eu acho que eles poderiam trocar umas ideias sobre os vídeos, sobre as dinâmicas que são feitas. Porque nossa!!!, à tarde era muito legal, as dinâmicas os vídeos, o jeito que ele fazia era muito bacana, muito legal. (Entrevista, professora da escola do Bairro 3: 08-12-2015, refeitório da escola)

Porém, como foi problematizado anteriormente, mesmo a PM mulher sendo mais capacitada que o homem, seja hierarquicamente, ou treinada, os alunos tem mais “medo” do PM homem. Mas que autoridade é essa que o PM homem alcança com maior facilidade? Autoridade se baseia no medo? Ou será que estão confundindo medo com respeito? Seria autoridade ou autoritarismo? A autoridade deve ser construída junto da turma, ser aceita pelo grupo para que exista uma ordem possibilitando alcançar os objetivos propostos. Nesse caso as aulas do PROERD.

Segundo AQUINO, (2000 apud BRUNETTA, 2006, p. 33):

[...] é preciso que o exercício da autoridade do agente seja reconhecido e consentido pelo(s) parceiro(s) da relação. Ou seja, é condição sine qua non do lugar da autoridade que ele seja legitimado pelos outros envolvidos na ação, o que inclui também o mandante e o público. (AQUINO, 2000, p. 61-63).

Porém, segundo STOPPINO(s/d apud BRUNETTA, 2006 p. 33) a autoridade costuma ser definida como:

[...] uma relação de poder estabilizada e institucionalizada em que os súditos prestam uma obediência incondicional [...] a obediência baseia-se unicamente no critério fundamental de recepção de uma ordem ou sinal emitido por alguém.

(STOPPINO, s/d, p. 11-12).

BRUNETTA (2006, p. 33) salienta sobre a criação de uma nova relação de autoridade:

desafio de criar uma nova relação de autoridade, uma “autoridade democrática”, aquela que se constrói coletivamente entre professores e alunos e que outrora foi vivida com sofrimento, que levou ao questionamento das possibilidades do aluno de viver em grupo, ou quando a autoridade não foi imposta, levou à afirmação da incompetência do professor. (BRUNETTA, 2006, p. 33)

BRUNETTA (2006, p. 35-36) prossegue questionando qual é o preparo de nossos professores para utilizarem sua autoridade como forma de garantir a liberdade dos alunos e segue atentando sobre o real preparo da PM para entrar na escola. Também corrobora com as formas distintas da autoridade policial se inserir no espaço escolar, ou seja, de forma ostensiva e preventiva, salientando que a preventiva compõe as reestruturações recentes da polícia.

O PROERD se encaixa na forma preventiva, porém, para pensarmos sobre essa autoridade dos PMs Instrutores(as) do PROERD, acho interessante iniciar pelos “combinados PROERD” que os PMs Instrutores(as) do PROERD, realizam com os alunos(as) logo na primeira aula.

Seguem os Combinados PROERD expressos na p. 4 da introdução da cartilha do PROERD (livro guia do PROERD):

- * Levante a mão para que só uma pessoa fale de cada vez.
- * Seja positivo, responsável e respeitoso. Um comentário inadequado pode magoar sentimentos e encerrar nosso debate.
- * Observe e atenda ao sinal de silêncio. “Luz, Câmera: Ação!”
- * Use a expressão “alguém que eu conheço”, em vez do nome da pessoa quando contar uma história.
- * Responda somente às perguntas que se sinta à vontade para responder.

Além destes combinados expressos na cartilha do PROERD, durante as observações de campo relatei outros como:

O início das aulas do PROERD se dão com um “grito de guerra” que diz: “Hoje é dia de PROERD!” e o fim das aulas do PROERD termina com: “Hoje foi dia de PROERD!”.

Segue anotação do meu diário de campo dia 17-09-2015 sobre o acontecido:

PM Instrutora 06 deu início a aula pedindo aos alunos que dessem seu “Grito de

guerra”= “Hoje é dia de PROERD”, todos alunos gritam entusiasmados.

PM Instrutora 06 pedem que deem o Grito de Guerra. Todos Gritam no final: “Hoje foi dia de PROERD!”(diário de campo, escola central, 17-09-2015)

Os alunos aceitam esses “Combinados PROERD” e a partir daí começam as aulas. Esses combinados servem para manter uma “ordem” durante as aulas do PROERD, são comandos pré-programados e quando estes são emitidos são respondidos pelas crianças quase que automaticamente.

A maioria das observações relatam os alunos entusiasmados gritando os “Combinados” e também fazendo as dinâmicas propostas pelos PMs Instrutores(as) do PROERD. Deixando claro que como expresso anteriormente os PMs Instrutores(as) do PROERD possuem liberdade de utilizar as dinâmicas e passar os conteúdos da cartilha do PROERD da forma que acharem melhor para a “maturidade”, “especificidades” de cada turma. Digo isso alertando para que não julguem o programa como um todo quando cito a dinâmica utilizada por apenas algum dos PMs Instrutores(as) do PROERD durante as aulas observadas.

Dentre as dinâmicas observadas destaco:

- * Dinâmica da Montanha Russa: dinâmica onde os alunos ficam sentados em suas carteiras e imitam o acelerar da montanha russa, subir e descer, sempre fazendo algum tipo de barulho para imitar a “sensação de velocidade” da montanha russa, batem pés no chão ou mão nas carteiras.
- * Dinâmica da chuva: Alunos batem com um dedo na palma da própria mão imitando o som de um pingo, depois batem com dois dedos na palma aumentando o som e assim sucessivamente até baterem palmas imitando a chuva forte.
- * Caixa de Perguntas: Os alunos têm liberdade para escrever suas dúvidas, perguntas, de forma anônima e colocar dentro da caixa. No decorrer das aulas os PMs Instrutores(as) do PROERD sorteiam algumas perguntas e respondem.

Descrição no diário de campo. PM Instrutor 02 diz que como os alunos estão agitados hoje, vão fazer uma brincadeira.

PM Instrutor 02 diz para todos os alunos ficarem em pé e fazerem o que a canção mandar.

PM Instrutor 02 começa a cantar: “Senta, levanta, volte a sentar, bem fraco 1, 2, 3, bem forte outra vez e pra não errar, recomeçar...”

PM Instrutor 02 explica que quem errar os movimentos tem que ir na frente da sala. (diário de campo, escola do Bairro 3, 13-10-2015)

No dia 24 de novembro de 2015 descrevi em meu diário de campo uma dinâmica utilizada (pelo menos durante minhas observações) por apenas um PM Instrutor(a) do PROERD, mas que me chamou a atenção:

PM Instrutor 02 diz para todos alunos ficarem em pé e fazerem 3 filas.
 Avisa para a turma que hoje vão aprender 4 coisas da Polícia Militar: Descansar, sentido, marchar e no fim canção militar.
 PM Instrutor 02 ensina a ficar parado na posição descansar. Alunos reproduzindo os movimentos.
 PM Instrutor 02 diz “turma 52 posição de descansar! Todos devem ficar em silêncio sem se mexer, turma 52, sentido! Marchar sem sair do lugar, primeiro perna esquerda... Alunos marchando na sala de aula.
 PM Instrutor 02 diz que vai falar a canção militar e que os alunos devem repetir.
 PM Instrutor 02 diz que depois que ele fala eles devem dizer “Sim senhor!”. Alunos dizem “Sim senhor!”.
 PM Instrutor 02 começa a cantar: “O que eu to fazendo muita gente quer fazer, se rala, se rala, se rala pra valer. Alunos repetem.
 PM Instrutor 02: “O que eu to fazendo muita gente quer fazer, estuda, estuda, estuda pra valer. Esquerda, direita, esquerda, direita, eu marcho para a vitória sou mais que um vencedor.”
 PM Instrutor 02 diz que devem repetir bem alto para toda a escola ouvir.
 “O que eu to fazendo muita gente quer fazer, estuda, estuda, estuda pra vencer.”
 “O que eu to fazendo quase ninguém faz, estuda, estuda, estuda que é capaz.”
 PM Instrutor 02 diz: Turma 52, descansar! (diário de campo, escola do Bairro 3, 24-11-2015)

Essa dinâmica informa aos alunos que basta estudar e querer para se tornar um “vencedor”, mas será que querer é o bastante para vencer? Será que as condições, oportunidades, para se tornar um “vencedor” são iguais para todos? No subcapítulo a seguir eu cito as diferentes realidades dos alunos observadas não apenas por mim, mas também pelos PMs Instrutores(as), e elas demonstram que não existem muitas igualdades em nossa sociedade. Quando o tático segue “revistando” em sua grande maioria pessoas “maltrapilhas”, mesmo “sabendo” que são as pessoas “bem-vestidas” os “verdadeiros criminosos”, segundo percepção dos próprios PMs Instrutores(as), parece que existem alguns preconceitos ou/e relações de poder, interesse, permeando essas ações:

PM Instrutora 03 diz que hoje em dia não é mais assim, que hoje os bem-vestidos é que estão com as drogas, com a bucha de maconha é a pessoa “limpa” que tem junto.(diário de campo, escola do Bairro 1, dia 06-10-2015)

Outro fato apontado é sobre o tempo de “lazer” dos alunos, que difere das escolas públicas para as particulares. Os alunos das escolas dos Bairros tem atividades para fazer durante o dia, alguns limpam a casa, outros lavam roupa, cuidam dos irmãos(ãs) mais novos(as), ou mesmo alguns que vendem crack para sustentar ele próprio e sua família...

No Bairro 1, o que mais me chamou atenção foi a questão da venda da droga, que é normal, eles comentam, a família se sustenta com isso, o menino relatou em uma redação que ele morava com a vó, ele vendia pedra para sustentar a família, menino

de 10 anos, só que agora ele não quer mais vender, só que eu acho que a vó dele deve ter dito para ele sair dessa vida porque ele até parou de incomodar na escola, porque a professora disse que depois da morte da vó dele ele está outro menino, mas em virtude do sentimento do amor que ele tinha pela vó, então essa vó deve ter pedido para ele tentar melhorar, sair desta vida. A gente sente que ele está tentando, mas não sei se ele vai conseguir.(Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

Já os alunos das escolas centrais costumam ter tempo livre, jogam videogame, têm acesso a curso de inglês, música, dança, teatro, terapeuta, psicólogo, tem empregada que faz os serviços de casa. Sendo assim, nem o tempo livre para se dedicar aos estudos é o mesmo, sem falar da estrutura física, acesso a informação, incentivo aos estudos.

A PM vai para a escola e utiliza uma dinâmica para “adestrar” os alunos militarmente, informando o que deveriam fazer, para não entrar no mundo do crime, mas será que a PM e a falta de políticas públicas, dão as condições necessárias para essa superação? Quais condições seriam necessárias para que superação fosse atingida?

Buscando entender melhor como são feitas essas seleções das dinâmicas, conteúdos, utilizados pelos PMs Instrutores(as) do PROERD problematizo quais são as diferenças no tratamento dado aos estudantes de escolas públicas e particulares pelos PMs Instrutores(as) do PROERD.

2. 2 Escolas Públicas e Particulares.

Foram constatadas diferenças no tratamento dado aos estudantes das escolas públicas e particulares. Todos os PMs Instrutores(as) do PROERD utilizam a cartilha do PROERD que serve como “base” a ser seguida. A cartilha do PROERD é dividida em 10 lições, cada lição com um tema, porém, cada PM Instrutor do PROERD tem liberdade de adaptar, adequar, aprofundar, os conteúdos de acordo com a “maturidade”, “conhecimento”, dos alunos de cada escola.

Imagine uma escola, seja ela a localização que for, onde a realidade do aluno esteja pautada pelas drogas lícitas, no caso álcool e cigarro, essa realidade se difere da de outro aluno onde o contato não apenas com as drogas lícitas e ilícitas é algo corriqueiro como o tráfico também é. Desta forma o PM Instrutor(a) do PROERD busca adaptar os conteúdos da cartilha para que cada lição esteja de acordo com as realidades dos alunos. Mas essas diferenças são, na verdade, adaptações à diferentes realidades.

Durante a entrevista com a PM instrutora 03 ela diz que a atual cartilha do PROERD aborda apenas do cigarro e bebida alcoólica por serem duas drogas legalizadas, que todo mundo vê. Houve portanto mudanças. Segundo a PM, na cartilha antiga haviam todas as

drogas, porém, segundo ela, como as crianças têm acesso a celular e internet, elas possuem informações sobre o que é cocaína, crack, maconha. Sendo assim, as dúvidas dos alunos não são mais se cocaína é um pozinho e sim de onde ela vem, porque todo mundo usa..., “dai tu aprofunda o assunto”. Em compensação, determinado Bairro são poucas crianças que já viram o crack, já pegaram ele na mão, já em outro Bairro é diferente, eles vendem crack, o trabalho deles é vender pedra, então eles sabem a consistência, o cheiro, e até mesmo os efeitos porque muitos usam na frente das crianças, então são realidades diferentes. A PM Instrutora 03 diz que em todas as escolas ela aborda todas as drogas, porém, o modo como aborda é diferente, cada uma com suas especificidades, em cada escola é uma realidade, adequar para cada lugar.

PM Instrutor 01 relata durante a entrevista:

No currículo antigo falava sobre cocaína, maconha, cigarro, bebida alcoólica e inalantes. A principal droga, que leva as demais, é a bebida alcoólica, todo fumador de cigarro e bebedor de bebida alcoólica, ele vai procurar uma droga mais pesada que faz com que ele se sintam legal, o prazer dele. Então assim, porque trabalhar, falar sobre crack e cocaína, se a principal droga está dentro de casa e ela é liberada para os maiores e proibida para os menores? então se trabalha o que, todas as pessoas que estão no crack, maconha, LSD, primeiro elas começaram fumando e bebendo, então trabalhar estas drogas primeiro. O Instrutor(a) tem que falar a mesma linguagem em todas as redes, saber gerenciar a pergunta, falar sem fazer apologia à droga, não mostrar como se usa, não é o foco fazer apologia, você deve orientar eles que a bebida alcoólica, por exemplo, pode ser doce, boa, mas amargas são as consequências que ela vai deixar, porque os alunos estão em formação, se faz mal para o adulto, imagina para as crianças. (Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

Sendo assim, conforme o depoimento, houve uma certa “flexibilidade” na orientação do PROERD sobre a prevenção às drogas. Mas, nos objetivos do PROERD, seguem falando das drogas lícitas e ilícitas. Qual o motivo de seguir mantendo estes nos objetivos? O conteúdo da cartilha está sendo modificado, mas os objetivos seguem os mesmos? Seria uma estratégia do PROERD?

Durante a observação em uma das escolas, em meio a aula do PROERD, o PM Instrutor 02 comenta comigo sobre a diferença das escolas particulares e públicas. Ele diz que nas escolas públicas não se dá “aula mesmo”, que os alunos estão velhos de mais, que estão crescidos para sua idade, que o que o PROERD faz nessas escolas é mais uma parceria para mostrar o programa, tentar aproximar a escola, família e PM, mostrar que a PM não é apenas repressão, sendo assim, o objetivo alcançado deixa de ser “capacitar jovens estudantes de informações e habilidades necessárias para viver de maneira saudável, *sem drogas e violência.*” e passa a ser “*Aproximar a Polícia Militar da comunidade escolar, e por consequência da comunidade em geral. Proporcionando um clima de parceria e confiança, gerando informações tornando possível um melhor atendimento aos anseios sociais, bem*

como mostrar a importância do papel social da corporação”.¹⁰ Prossegue dizendo que os alunos de algumas escolas públicas têm os pais, familiares, que foram ou que estão presos por tráfico, por uso de drogas, segundo ele algumas famílias não tem estrutura, que os alunos lidam com as drogas, com esse “meio”, e que por isso os PMs Instrutores(as) do PROERD não podem tratar os assuntos da mesma forma, utilizar o mesmo conteúdo da cartilha, que utilizam mais a cartilha nas escolas particulares, “onde os alunos conhecem no máximo bebida alcoólica e cigarro”.(diário de campo, escola do Bairro 3, 22-09-2015)

A seguir, outro exemplo da realidade de alguns alunos do Bairro 1 descritas no diário de campo:

PM Instrutora 03 pergunta quem da turma já viu briga de família. Dos 20 alunos da turma, 18 levantam a mão. Aluno diz que o padrasto bateu na mãe dele. Outro aluno diz que esses dias um vizinho bateu na mulher dele e arrastou ela na rua pelos cabelos. Aluna comenta que sua vizinha tem um bebe novo e duas filhas pequenas e que ela deixa todas as crianças sozinhas em casa. (diário de campo, escola do Bairro 1, dia 06-10-2015)

Aluno fala que tem padrasto preso, irmão preso, tio preso, diz que tio matou alguém. (diário de campo, escola do Bairro 1, dia 20-10-2015,)

Ainda sobre as diferentes realidades e adaptações nos assuntos, conteúdos, abordagens feitas pelos PMs Instrutores(as). Relato do diário de campo, PM Instrutora 03 dialogando com os alunos durante aula do PROERD:

PM Instrutora 03 pede durante a aula do PROERD quem da turma já havia visto algum acidente com vítima, quase todos alunos da turma levantam a mão. Alunos respondem que ao verem o acidente sentiram medo, tremedeira, que ficaram com os olhos arregalados e que quando acontece algo assim devem chamar a polícia.

Aluna da turma comenta que um foragido se escondeu perto da casa dela, no vizinho, e que ela deu um grito e sua mãe tirou ela de lá.

Aluno pergunta para a PM Instrutora 03 se é errado andar na rua. A PM Instrutora responde que não, que ele tem todo o direito de andar na rua. Aluno prossegue questionando se não é errado ele andar na rua qual é o motivo dele e dos amigos do Bairro sempre serem enquadrados pela Polícia do “Tático”, mesmo não tendo feito nada de ruim.

PM Instrutora 03 diz que isso acontece mais aqui no Bairro deles e que ela entende a revolta deles e que se acontecesse com ela, ela também se revoltaria. Que os PMs recebem informação, denuncia de um sujeito com determinadas características e que por isso abordam algumas pessoas e que as vezes eles não acertam as abordagens. PM Instrutora 03 diz que ela sabe que não é como deveria ser, que ela sabe disso, porém, os PMs podem abordar qualquer pessoa.

PM Instrutora 03 explica para a turma que nossa região (Chapecó) é formada por alemães e italianos e que aqui já foi muito racista, que aqui haviam poucos morenos, a maioria das pessoas eram brancas, e que por isso os primeiros a serem abordados eram os negros, pessoas maltrapilhas. Que hoje em dia não é mais assim, que hoje os bem-vestidos é que estão com as drogas, com a bucha de maconha é a pessoa “limpa” que tem junto.

Aluna diz que é claro que é o bem-vestido que tem a droga ele que tem o dinheiro. (diário de campo, escola do Bairro 1, dia 06-10-2015)

10 Objetivo secundário do PROERD, letra “H”.

Mas podemos questionar, se sabemos que hoje em dia não são os pobres, os maltrapilhos, que traficam, que “tem as drogas”, porque são os pobres e maltrapilhos que continuam sendo revistados pelo “tático”, apontados como marginais? Seguindo esta lógica quem deveria ser revistado pelo tático não seriam os “moradores do centro”? Os bem-vestidos? Quais seriam os reais motivos da PM (tático) continuar indo aos Bairros se eles mesmos citam que os moradores do centro, que abrigam as classes altas, seriam os verdadeiros responsáveis?

Será que os pobres vêm sendo explorados, criminalizados, presos e até mortos para que os ricos possam continuar lucrando, aumentando seu capital e seguir determinando como as instituições, nesse caso a PM, deve se comportar, agir? Será que tudo faz parte de um sistema criado pelos ricos para que eles continuem sendo ricos e os pobres continuem pobres?

Segundo o artigo *Violência Urbana um problema social*, de Álvaro de Aquino e Silva Gullo (1998, p. 110), “A violência da sociedade se contrapõe à violência dos excluídos e se manifesta através do aparato policial, que caça, prende, tortura e mata cidadãos protegido pelo pressuposto de que se trata da luta do bem contra o mal”

A cartilha de desmilitarização da PM acrescenta, o público-alvo da ação policial costuma ser, em sua grande maioria, os moradores das periferias,

“pessoas a quem o Estado brasileiro vem negando historicamente a garantia de inúmeros direitos sociais (à educação, à saúde, à moradia digna, ao saneamento básico, ao lazer, à cultura, etc.). São, também, manifestantes e lutadores/as sociais. Não são pessoas que necessariamente cometeram crimes, mas pessoas consideradas *potencialmente perigosas*. É a isso que chamamos *descriminalização seletiva ou da pobreza*: a condenação antecipada de sujeitos por características físicas (a cor da pele), sociais, políticas ou econômicas que supostamente revelariam a sua periculosidade.”(p. 7) GRIFOS MEUS

Além disso, segundo GULLO (1998, p. 111) os PMs por não reconhecerem as diferenças sociais, tendem a ver a população de uma forma distorcida, preconceituosa “o pobre, o negro, o desempregado, o mal vestido são vistos como suspeitos e, portanto, passíveis de um tratamento repressivo.” E prossegue afirmando que “a violência só é lembrada quando atinge as classes dominantes, mas poucos se lembram da violência que atinge as classes dominadas.”

Buscando compreender como o capitalismo se mantém, se reproduz e reproduz a força de trabalho, Louis Althusser (1983), aponta que isso só é possível se o salário do trabalhador for o bastante para dar conta de que ele e seus filhos sobrevivam e se desenvolvam, porém, esse salário deve ser mediado para que o indivíduo continue sendo mantido como força de

trabalho e que posteriormente passe esse posto, de força de trabalho, para seus filhos e assim sucessivamente.

Segundo BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude (1992), tanto os burgueses (detentores dos meios de produção) quanto os proletários (trabalhadores, mão de obra) recebem educações diferentes, recebem capital financeiro e cultural, porém, o proletário quando é educado, é educado de uma forma profissionalizante visando sua utilização como força de trabalho, enquanto o burguês é educado de uma forma “desinteressada”, artes, música, outros idiomas, viagens.

Na visão de ALTHUSSER (1983), o Estado é pensado como uma máquina de repressão, essa repressão que o capitalismo criou é mantida pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (família, escola, igreja, mídia, cultura) que são usados primeiramente para introduzir a ideologia dominante e depois para reforçá-la. Quando os Aparelhos Ideológicos do Estado não dão conta de manter o controle, quem entra em ação são os Aparelhos Repressivos do Estado (polícia, prisões, justiça, exército) fazendo uso da força física, salientando que segundo Althusser, os Aparelhos Repressivos e Ideológicos do Estado são predominantemente e não exclusivamente, repressivos ou ideológicos.

A Polícia Militar segundo a teoria de ALTHUSSER se encaixaria nos “agentes da repressão (saber comandar, fazer-se obedecer “sem discussão”, ou saber manipular a demagogia da retórica dos dirigentes políticos).” (ALTHUSSER, 1983, p. 79)

Porém, o PROERD mesmo ligado e aplicado pela Polícia Militar possui um caráter preventivo, atuando diretamente na educação dos jovens. Educação esta, que segundo ALTHUSSER, é o grande Aparelho Ideológico do Estado.

[...]nenhum Aparelho Ideológico do Estado dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória (e por menos que isso signifique, gratuita...), 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista (ALTHUSSER, 1983, p. 80)

Será que os burgueses perceberam que o aparelho repressivo (neste caso a PM) não era tão eficaz e decidiram ampliá-la adentrando os aparelhos ideológicos do Estado, neste caso a educação, citada por ALTHUSSER como o aparelho mais poderoso?

Segundo minhas observações não é exatamente isso que acontece com o PROERD. Os PMs Instrutores(as) do PROERD bem como seu programa visam formas de dizer não às drogas e à violência. Buscam mostrar que tanto famílias pobres quanto ricas estão a mercê das drogas e da violência, e que o caminho para driblar esses problemas é a prevenção e não a

repressão.

Agora vamos contrapor os assuntos tratados nas escolas públicas X particular, também relatados no diário de campo:

PM Instrutora 06 comenta que observou que nas escolas públicas os alunos possuem outras atividades para fazer em casa além de estudar, por exemplo, lavam louça, varrem a casa... e que pediu em uma escola particular para os alunos se eles tinham outras atividades além de estudar, se ajudam na casa e que aluno respondeu que não faz nada em casa, que tem um empregado dele que faz isso. (diário de campo, escola central, 15-10-2015)

A seguir alguns comentários dos alunos descritos em meu diário de campo, durante a aula do PROERD na escola central:

Alunos comentam sobre pai de aluna que ganhou presente do dia das crianças, falam que ele é palhaço, que parece mesmo criança, mas que é advogado e tem 27 anos. Aluna comenta que sua colega nunca fica de castigo e que quando fica da um jeito de sair do castigo. (diário de campo, escola central, 15-10-2015)

A PM Instrutora 03 cita na entrevista algo que chamou sua atenção, que a assustou quando estava no Bairro 1. A informação seria de que a maioria das meninas entre 10 e 11 anos já teriam mantido relações sexuais com vizinhos, tios, irmãos... que é normal isso acontecer por lá... Não apenas isso, mas também que com 13, 14, 15 anos muitas delas já estariam grávidas e que a perspectiva de vida da grande maioria seria ser dona de casa, ter uma família e paz:

E o outro caso que me chamou atenção é a violência sexual, violência sexual entre eles, as meninas lá no Bairro 1, elas tem entre 10 anos 11 anos, e a maioria o irmão já pegou, o tio pegou, vizinho pegou, é normal isso, elas tomam como normal, então foi uma coisa que me assustou. 13, 14, 15 anos, já estão grávidas, o que elas sonham? em ter sua casa, ter homem que vai sustentá-los, e ter filho, é essa a perspectiva de vida, uma ou outra que quer fazer faculdade, até fiz uma dinâmica que eles me relatavam como se viam com 20 anos, a maioria quer ter carteira de motorista e quer ser jogador de futebol entre os meninos e as meninas querem ter filho, que a família tenha paz, que a família é muito importante, do jeito que for, mas é o importante, então eu disse: opa, tem esperança aí!, porque a família tem importância. (Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

Após a entrevista constatei que não aprofundei durante a mesma do porque o assunto tê-la assustado. Caso tivesse percebido poderia ter entendido mais sobre a sua compreensão, explicações, sobre violência sexual nas escolas.

Enquanto alguns alunos presenciam, sofrem, atos violentos e o tráfico de drogas parece ser algo cotidiano, a realidade dos alunos da escola central parece estar centrada em brincadeiras, lazer, estudos.

Percebe-se, que mesmo os alunos estando na 5ª série, com idade entre 10 e 12 anos, os assuntos falados corriqueira e abertamente sobre drogas, violência e tráfico nas escolas públicas, não parecem ser próprios para alunos desta idade, porém, na realidade em que

vivem, são assuntos do cotidiano, acontecimentos que se mostraram “normais”.

Estes relatos nos fazem pensar não apenas como deve ser a vida destas crianças, mas também os enfrentamentos que PMs Instrutores(as) do PROERD tem que lidar, situações complicadas. PMs Instrutores(as) percebem casos de violências durante as aulas do PROERD, assim como os professores das escolas, se preocupam com a vida das crianças, as vezes levam estes “problemas” enfrentados pelos seus alunos e familiares para dentro de suas próprias casas, pois é difícil desligar-se por completo do trabalho nos horários de lazer, horários estes que os PMs Instrutores do PROERD também citam ter reduzido, pois agora existem redações para corrigir em casa, aulas para preparar... Essas dificuldades enfrentadas pelos PMs Instrutores(as) do PROERD só parecem ter sido presenciadas após tornarem-se PMs Instrutores(as) do PROERD. E isso fez com que eles próprios questionem as dificuldades e valorizem o trabalho dos professores(as).

PM Instrutor 02 vem até mim e fala que dar uma aula de 45 minutos nessa sala é algo até “tranquilo” que hoje esta meio complicado. Mas que imagina o que é ficar a tarde toda com essa turma dando aula de matemática e outras matérias que os alunos não gostam.(diário de campo, escola do Bairro 3, 27-10-2015)

Quando os PMs passam não apenas a reconhecer mas também a enfrentar, vivenciar, certas dificuldades que os professores(as) das escolas enfrentam, talvez essa integração que o PROERD objetiva, entre Polícia, Comunidade Escolar e Família torne-se cada vez mais próxima. Até porque, segundo depoimento do PM Instrutor 02, em algumas escolas o objetivo principal do PROERD não está focado em ensinar formas seguras da criança dizer não às drogas, e sim mostrar para a sociedade que a PM não é apenas repressão. O foco é fazer a integração entre Polícia, Comunidade Escolar e Família. Mas, no que isso poderá contribuir para a relação da comunidade escolar e PM? Para além dos objetivos do PROERD (e da PM), para se aproximar das escolas. Será que a comunidade escolar foi perguntada se quer se aproximar da PM? Do PROERD, parece que sim. Da PM tenho dúvidas.

2. 3 Drogas, Estigmas e a teoria do Lombroso

Antes de discorrermos sobre a utilização de drogas, precisamos primeiramente definir o que são drogas.

Segundo o artigo “Drogas – Fora da lei e dentro do usuário”, da Maria Carolina D'Arcádia Novo a definição de drogas são:

Drogas são substâncias, sintéticas ou naturais, que introduzidas no organismo do ser humano, modifica suas funções. O termo “droga”, é tido como o de uma substância proibida, de uso ilegal e nocivo ao indivíduo, modificando suas funções, as

sensações, o humor e o comportamento. Tem origem da palavra holandesa “droog”, que significa folha seca, já que antigamente quase todos os medicamentos tinham como base os vegetais, entretanto, atualmente existem as drogas sintéticas, que são as criadas em laboratórios.”(NOVO, 2010, p. 87-88)

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), Droga é toda a substância que introduzida no organismo vivo modifica uma ou mais das suas funções. Esta definição engloba substâncias ditas lícitas – bebidas alcoólicas, tabaco e certos medicamentos – e, igualmente, as substâncias ilícitas como a cocaína, LSD, ecstasy, opiáceos, entre outras.

A definição de “drogas” segundo PM Instrutora 04 é “toda substância que não seja alimento e que afete de alguma forma nosso organismo. O remédio também entra nesse conceito, ele pode ser usado para o bem ou para o mal, então se usar de maneira incorreta vai criar outro efeito, também pode viciar.”(Entrevista, PM Instrutora 04: 01-12-2015, sala do PROERD)

Buscando mais informações sobre drogas, recorri ao site FOLHA, que apresenta um debate sobre as drogas:

Recentemente, durante o encontro da ONU, ocorreu um debate entre países como México, Colômbia, Canadá, Noruega, Uruguai, entre outros, que denunciaram a falência do paradigma de guerra às drogas e a necessidade de uma abordagem mais flexível da questão. Em contrapartida, nações como Rússia, China, Irã, Indonésia e Arábia Saudita, além de países da África, que defenderam a manutenção do modelo atual e, em alguns casos, até a utilização da pena de morte para enfrentar o problema.

Segundo a notícia, em 18 anos, as políticas sobre entorpecentes passaram a contemplar cada vez mais os usuários, porém, ainda objetivam um mundo livre de drogas. O problema é que nesses 18 anos, além de terem sido gastos trilhões de dólares na repressão, e centenas de milhares de pessoas serem presas, a proporção de usuários e de drogas não diminuiu.

Diante disso, surgiram abordagens alternativas, dentre elas a tomada por Portugal, que descriminalizou o consumo de todas as drogas; a Suíça, que desenvolveu um programa pioneiro de prescrição de heroína para dependentes; Estados norte-americanos legalizaram o uso recreacional da maconha; o Uruguai que se prepara para iniciar a venda da erva sob o controle do Estado. Além disso, durante o encontro da ONU o presidente do México anunciou um plano para liberar o uso medicinal da cânabis e aumentar a posse permitida da substância; o representante do Canadá confirmou que o país concluirá em breve um projeto para legalizar a maconha.

A opinião da FOLHA é de que a comunidade internacional deveria reconhecer o fracasso do proibicionismo às drogas e adotar medidas descriminalizantes e legalistas,

iniciando pela maconha.¹¹

Essa notícia aponta que a guerra às drogas não é o caminho. Como foi citado, trilhões foram gastos em repressão e centenas de milhares de pessoas encarceradas, porém, não teve sucesso. As drogas seguem existindo em nossa sociedade.

O objetivo do PROERD não é repressivo nem busca explicar os efeitos e tipos de drogas ilícitas existentes e sim maneiras seguras e positivas de dizer não a elas.

A cartilha expressa em sua lição 01 o “Modelo de Tomada de Decisão PROERD”, que é constituído por: “Defina, descreva o problema, desafio ou oportunidade, analise, pense nas diferentes opções, pense nos prós e contras de cada opção, atue, faça uma escolha usando os fatos e as informações que você observou nas opções, tome uma decisão, avalie, você fez uma boa escolha? Como você sabe? Você tomaria a mesma decisão novamente?” Lição 02 “fatos sobre o uso da bebida alcoólica e do cigarro, efeitos da bebida alcoólica e do cigarro sobre a saúde, lição 03 trata de “riscos e consequências”, busca capacitar os alunos a fazer escolhas seguras e responsáveis, lição 04 “pressão dos colegas”, trata de estratégias de resistência para evitar situações onde geralmente existam pessoas usando drogas, ensina como dizer não, dando uma razão ou uma desculpa ou mudando de assunto para não falar nem usar drogas, sem se deixar levar pela pressão dos colegas, lição 05 como lidar com situações de tensão, lição 06 bases da comunicação, trata três estilos de comunicação, o confiante, inseguro e exigente, lição 07 comunicação eficaz lição 08 aborda o bullying, como relatá-lo com responsabilidade, lição 09, como ajudar os outros relatando o bullying com segurança, lição 10 como obter ajuda dos outros.¹²

Durante a entrevista com a PM Instrutora 04, ela disse que houve um tempo no PROERD em que falava-se sobre outros tipos de drogas, porém, nas últimas atualizações a cartilha trata das estratégias de resistir a influência, pressão, bullying. Segundo a PM Instrutora, o foco não é “muito nas consequências”, pois segundo a PM, os alunos possuem informação na internet e as professoras das escolas também informam sobre, além disso, em algumas escolas os alunos sabem inclusive da prática, alguns já trabalharam no tráfico. Sendo assim, os PM Instrutores(as) buscam focar mais na “situação do indivíduo mesmo, como ele pode criar estratégias para resistir, o foco é no grupo e não na consequência da droga, a gente fala também, mas não é o foco.”(Entrevista, PM Instrutora 04: 01-12-2015, sala do PROERD)

Porém, constatou-se que em todas as escolas observadas, fossem elas particulares ou públicas, centrais ou periféricas, e também em todas as classes sociais, fossem ricos ou

11 <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2016/04/1764272-drogas-na-onu.shtml?cmpid=newsfolha> (visto em 27-04-2016, as 14:54 horas)

12 Síntese das 10 lições da cartilha do PROERD 5º ano

pobres, em todas existem problemas relacionados às drogas. Mas essa “igualdade”, “democracia”, entre as escolas acaba por aí.

Digo isso pelo fato de que a grande maioria das famílias com maior capital econômico, social e cultural (BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude, 1992), costumam matricular seus filhos em escolas particulares, enquanto as famílias mais pobres, com menos capital econômico, social e cultural costumam matricular seus filhos em escolas públicas, além disso, as famílias mais ricas utilizam dos recursos que esses capitais proporcionam para ocultar, “abafar” qualquer fato relacionado às drogas e seus filhos. Essas decisões são tomadas com o intuito de preservar a imagem deste filho e conseqüentemente desta família e também da escola, para que não surjam comentários sobre o assunto, causando impressões negativas, estigmas.

PM Instrutor 05 afirma existirem problemas com drogas tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, porém, nas escolas particulares esses casos são camuflados. Ainda segundo o PM, os alunos das escolas particulares, de “família mais tradicional” relatam casos de irmãos que usaram drogas e ficaram dependentes, que foi “graças a um erro na vida que ele usou drogas”, mas que são encaminhados para fazer um tratamento. E o PM acrescenta, já no Bairro, escola pública, a história é outra, a pessoa é marginalizada, é o “usuário de drogas”, “traficante”, “maconheiro”, dão apelidos, mas é a mesma substância que o familiar da escola particular fez uso, só que a nomenclatura utilizada se difere, “o do centro é aquele que teve um problema psicológico e daí usou drogas, foi pra clínica fazer tratamento, a família tenta apaziguar, não falar pra ninguém, mas os dois casos, pública e particular usaram drogas.

Quando pergunto se nas escolas particulares, na vida das famílias ricas, não existem tantos problemas com drogas quanto nas escolas públicas, na vida das famílias pobres, PM Instrutor 01 relata:

Existem muitos mais nas famílias de classe alta, mas não são divulgados, é velado, porque, imagine o filho do fulano de tal aparecer na mídia. Até problemas mais graves acontecem nas escolas particulares e as pessoas escondem, porque imagine se eu perder 3, 4 mensalidades de mil reais (fazendo referência as escolas particulares), então muitas vezes eles dão uma passadinha de mão por cima, mas assim, já atendi várias questões deste tipo, e eu disse: vamos respeitar a política da escola, mas como policial, vamos encaminhar isso e quero resolver isso agora, chamar os pais, fazer relatório, colocar no livro de registro deles, para que não fique em branco, mas, ainda assim, eles velam bastante, abafam os casos. Nas escolas públicas quando aparece, aparece o verdadeiro, daí todos se espantam, mas e o problema social que está dentro das escolas particulares e que não aparecem, porque se preocupam em não perder dinheiro?(Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

Por outro lado, as famílias com menos capital econômico e as escolas públicas costumam ser colocadas como incapazes, ineficientes, pois todos os casos relacionados às

drogas costumam vir à tona, viram notícia. Tudo isso cria a falsa ideia de que famílias ricas não tem problemas com drogas, porque as escolas particulares que são eficientes no ensino, enquanto as famílias pobres são as problemáticas, “drogadas” e as escolas públicas por sua vez, são citadas como incapazes.

PM Instrutora 03 cita que as famílias ricas utilizam seu dinheiro e poder para ocultar os casos relacionados às drogas dentro de suas famílias, por exemplo, os alunos das escolas particulares não relatam terem visto seus familiares, sejam irmãos, pais, tios, utilizarem drogas, não relatam nem terem visto algum tipo de droga. Os comentários que surgem é de que o “irmão mais velho” teve um problema com drogas e foi internado... por outro lado, as famílias pobres enxergam seus irmãos, familiares, vizinhos utilizarem as drogas, venderem drogas. Nos dois casos, as drogas estão presentes, porém, em um dos casos é velado e em outro é aberto.

Ai que tá, tem, tem vários relatos dos irmãos que tem problema com drogas, só que a criança não tem esse contato com a droga, então a criança não sabe direito o que é cocaína, heroína, crack, e nos colégios particulares as crianças vão falar de cocaína, meu irmão teve problema com maconha, com cocaína, já no Bairro 1 o problema é o crack, porque é a droga mais barata, lá tem cocaína, mas eles vendem cocaína, os alunos relatam: “meu irmão vende cocaína, vem os cara com carrão e compram cocaína”, vão no Bairro 1 buscar cocaína. No colégio central a criança relata o problema da família em virtude da droga, no Bairro 1 eles relatam a venda da droga e que um da família, outro, teve problema com a droga.(Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

“[...]a cocaína tu vê muito esporádico, eu nesses 7 anos peguei muito poucas vezes cocaína, porque a cocaína é uma droga muito, entre aspas assim dizendo, social, da parte dos ricos, tu não vê um usuário de cocaína andando em uma esquina, tu vê ele dentro um carrão, em um posto de combustível, dentro de uma boate, e tu vê o cara do craque na condição de mendigo, fica nele, no físico dele, e o maconheiro naquela cara assim de maconheiro, né meu, o cara maconheiro não quer nada com nada, na sala de aula, tu já olha e tu sabe quando uma criança que esta propensa a ter o uso da maconha, pelo estilo dela, pela levada dela nas aulas, uma criança que esta meio dispersa, que só quer negocinho de Bob Marley, não que é uma regra, é um padrão, **tem aquela teoria do Lombroso que fala que o Policial distingue quem é o ladrão do que não é ladrão pela teoria do lombroso**, que são características que praticamente todas as pessoas que cometem crimes tem, então a gente aprende essas características e por isso que a gente chama de tiraucínio policial, tá olhando na turma, tu já consegue ver, esse aqui tem uma característica de **lombroso**, a tendência dele é daqui para frente, se não for ajudado, o próximo passo vai se envolver com os amigos do Bairro, depois com os amigos da droga e depois cair na droga.”(Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD) GRIFOS MEUS.

Estes depoimentos demonstram que as drogas estão presentes em todas as classes sociais, sejam ricos ou pobres, porém, os pobres costumam ser culpados e estigmatizados enquanto os ricos costumam ser inocentados e ilesos. De encontro a esses estigmas, que segundo Goffman (2004) dividem-se em três tipos:

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 2004, p. 7)

O depoimento citado anteriormente, pelo PM instrutor 02, *“tem aquela teoria do Lombroso que fala que o Policial distingue quem é o ladrão do que não é ladrão pela teoria do lombroso, que são características que praticamente todas as pessoas que cometem crimes tem”* assim como o depoimento da PM instrutora 03 a seguir:

PM Instrutora 03 explica para a turma que nossa região (Chapecó) é formada por alemães e italianos e que aqui já foi muito racista, que aqui haviam poucos morenos, a maioria das pessoas eram brancas, e que por isso os primeiros a serem abordados eram os negros, pessoas maltrapilhas. (diário de campo, escola do Bairro 1, dia 06-10-2015)”

Os dois depoimentos tratam da utilização da teoria do Lombroso, que conta com dois tipos de estigmas citados, as de caráter individual e os estigmas tribais de raça, nação e religião.

Segundo a autora Lilia Moritz Schwarcz, em sua obra *“O espetáculo das raças”* (1993), o final do século XVIII, início do XIX, foi marcado por duas visões que buscavam explicar a origem do homem. A visão monogenista e a poligenista. A primeira acreditava nas escrituras bíblicas, que a humanidade era una. SCHWARCZ(1993, p. 48) *“Pensava-se na humanidade como um gradiente – que iria do mais perfeito (mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração) -,sem pressupor, num primeiro momento, uma noção única de evolução.”*

A visão poligenista, por sua vez, contestava o dogma monogenista da Igreja. *“Acreditavam na existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas.”* Além disso, *“fortaleciam a interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais”*[...](SCHWARCZ, 1993, p. 48) Junto da visão poligenista surge a frenologia e antropometria, que passam a interpretar as capacidades humanas medindo tamanho de crânios, proporção do cérebro de diferentes povos. Seguindo esse modelo surge a *“antropologia criminal”* que *“argumentava ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário”*(SCHWARCZ, 1993, p. 48-49)

A teoria de Cesare Lombroso (2010) afirma que existe uma *“identidade do criminoso”*

que a pessoa não seria influenciada pelo meio, pela sociedade, pois ela carregava em si uma patologia criminosa. Lombroso cita seis tipos de criminosos, porém, resumia-se na imagem do negro, afrodescendente. Partindo desse pressuposto, por exemplo, se tiverem dois grupos na rua, um de jovens brancos e outro de jovens pretos, e alguém gritar “pega ladrão!”, segundo a teoria do Lombroso qual dos dois grupos seria abordado?

A teoria de Cesare Lombroso é uma teoria racista, ultrapassada, que surge em uma época quando muitas teorias europeias buscavam explicar a “inferioridade” dos negros. Um desses autores foi o Conde Arthur Gobineau (1883), cuja teoria era de que a mestiçagem enfraquecia as raças e chegava projetar que a população brasileira seria extinta em menos de 200 anos. Nina Rodrigues (2010), outro racista, foi o primeiro autor que se perguntou se os negros eram mesmo um problema, e buscou evidências na história para essa explicação, dentre elas medir e comparar crânios. RODRIGUES concluiu que o negro é adaptado para a vida na floresta ou em qualquer lugar que não seja civilizado, diferente do branco que é adaptado para ser civilizado. Argumenta que a biologia, genética, é a explicação, ou seja, que os negros são inaptos a se desenvolverem na vida civilizada e que o máximo que conseguiriam era ser “tribais”.

Já Euclides da Cunha (1908), problematiza como o poderoso “exército brasileiro do Rio Grande do Sul”, provido de armamentos e técnicas foram massacrados pelos “Canudos”, conseguindo vencer apenas na 3ª expedição e utilizando quase a metade de todo o exército brasileiro. CUNHA se questionava como os “mestiços”, sem armamentos conseguiram derrotar os melhores soldados do exército brasileiro, e assim, conclui que o futuro do Brasil é acabar numa raça de mestiços, porque a geografia determina isso, o determinismo geográfico cria uma raça mestiça e não europeia, civilizada. Franz Boas (1911) refuta o determinismo biológico e geográfico, BOAS observou os lapões e esquimós, que viviam no mesmo ambiente, geografia, e constatou que as duas culturas eram totalmente diferentes: os lapões construía suas casas com pele de animais, já os esquimós faziam suas casas com gelo “iglus”. Isso demonstrou que, diferente dos animais, os seres humanos se comportam segundo os ensinamentos de sua cultura e não são determinados pela geografia ou biologia, a geografia e biologia podem influenciar mas não são determinantes.

Gilberto Freyre (1933), por sua vez, cita que “somos negros disfarçados de brancos”, que o fenômeno não é genético e sim cultural. “O Brasil é uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida (misturada). FREYRE vê o Brasil como uma “Casa Grande & Senzala expandida, gigantesca. Os portugueses constroem no Brasil uma civilização nova, adaptada ao

lugar, diferente de Portugal. Segundo ele, herdamos dos negros nossa socialização (forma familiar negra), todos os meios (educação, economia, lazer) são dados de forma familiar. Para Gilberto Freyre, o negro é o grande “colonizador” do Brasil, primeiramente o negro foi a força de trabalho, sem eles a economia não funciona, não tem produção, segundo culturalmente, herdamos a socialização, vida familiar, música, culinária, linguagem, santos tidos como “íntimos”, “Santa Terezinha, menino Jesus, diferente do catolicismo de Portugal.

Observa-se, que mesmo o PM citando que é uma “tendência” do “indivíduo criminoso”, caso ele não receba ajuda, “a tendência dele é daqui se não for ajudado agora o próximo passo vai se envolver com os amigos do Bairro, depois com os amigos da droga e depois cair na droga.”(Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD)

No entanto, a teoria de Cesare Lombroso continua sendo uma teoria preconceituosa, racista, que continua operando na concepção de mundo e na construção de valores na sociedade em geral e também em alguns policiais que atuam no PROERD.

Na observação realizada em umas das aulas do PROERD, a PM Instrutora 03, explica para os alunos da escola do Bairro 1, um dos motivos pelo qual “eles são abordados pelo tático”:

Nossa região (Chapecó) é formada por alemães e italianos e que aqui já foi muito racista, que aqui haviam poucos morenos, a maioria das pessoas eram brancas, e que por isso os primeiros a serem abordados eram os negros, pessoas maltrapilhas. Que hoje em dia não é mais assim, que hoje os bem-vestidos é que estão com as drogas, com a bucha de maconha é a pessoa “limpa” que tem junto.(diário de campo, escola do Bairro 1, 06-10-2015)

Edward Telles (2004), na introdução de seu livro *O Significado da Raça na Sociedade Brasileira*, complementa:

[...] tanto os Estados Unidos quanto o Brasil foram colonizados por potências européias que dominaram militarmente os povos indígenas mais fracos e, depois, instituíram um sistema de escravidão que dependiam de africanos. No caso do Brasil, os colonizadores europeus e seus descendentes escravizaram e importaram sete vezes mais africanos do que os colonizadores da América do Norte. No final do século XIX e no início do século XX, ambos os países receberam milhares de imigrantes da Europa destinados a atender às tentativas de industrialização. Desde então, os descendentes desses imigrantes de pele clara nos Estados Unidos e no Brasil passaram a dominar seus compatriotas de pele mais escura através de práticas discriminatórias derivadas de uma ideologia racial, criando o que os sociólogos chamam de sociedades estratificadas racialmente. (TELLES, 2004, p.2)

TELLES (2004) frisa que as principais semelhanças entre os sistemas raciais entre os dois países acabam por aí, segundo o autor porque nos EUA as pessoas com ascendência africana são classificadas como negros, já no Brasil grande parte da população que possui ascendência africana se identificam como brancas, além de outras classificações como pardos,

morenos, mestiços, mulatos, pretos ou negros, resumindo, no Brasil a classificação é baseada na cor da pele, características fenotípicas, enquanto nos EUA a classificação se baseia na descendência.

Outra diferença importante que TELLES cita entre o Brasil e os EUA é a de que nos EUA,

Os brancos lidaram com os negros basicamente mantendo uma considerável distância social deles, seja evitando o convívio residencial, casamento, amizade, ou qualquer outra relação. Ao contrário da segregação, a mistura racial, a miscigenação ou mestiçagem, constitui o pilar central da ideologia racial brasileira. A mistura racial representa um conjunto de crenças sobre raça que os brasileiros defendem, incluindo a idéia de que vêm há tempos se misturando racialmente mais do que qualquer outra sociedade, e de que os não-brancos encontram-se incluídos na sociedade brasileira. A miscigenação, embora inicialmente tenha provocado inquietação e medo entre a elite, há muito tempo tem servido como metáfora definidora da nação brasileira. (TELLES, 2004 p.4)

Mas será que a maioria dos brasileiros reconhece seu país e se reconhece como “mestiço”? Como cita TELLES, os colonizadores europeus exploraram o Brasil, levaram riquezas para seus países de origem, porém, alguns tomaram posse de terras e se fixaram no país desenvolvendo cidades como Chapecó. Será que Chapecó se reconhece como uma cidade mestiça?

O Próprio PM Instrutor 02 responde essa questão quando cita que utilizam da teoria do Lombroso não apenas na ronda, como também, pelo menos ele, nas turmas que atua.

Isso nos faz refletir sobre a formação que os PMs Instrutores(as) recebem para lidarem com crianças do 5º ano. Será que os 12 dias de treinamento para tornar-se Instrutor(a) do PROERD são o bastante não apenas para criar um sujeito crítico, emancipar o próprio Policial e além disso, torná-lo um criador de sujeitos críticos, emancipados?

Para ajudar a responder essa questão, busco a seguir, compreender a relação entre PMs Instrutores (as) do PROERD, professores (as) das escolas e direção e também qual a visão dos professores(as) e diretores(as) das escolas sobre o PROERD e os PMs Instrutores(as). Pois eles (professores(as), diretores(as)) estão em contato direto com os alunos e PMs Instrutores(as) do PROERD, além disso, deveriam possuir, pelo menos em teoria, o conhecimento, a prática, da vivência escolar, e por isso são capazes de contribuir sobre o entendimento e preparo destes PMs Instrutores(as) para atuarem nas escolas. Além disso, busco saber qual a visão dos PMs Instrutores(as) do PROERD sobre os professores(as) das escolas em que eles atuam.

2. 4 Visão dos Professores(as) e direção das escolas sobre o PROERD e os PMs Instrutores(as)

Buscando compreender mais sobre o PROERD e seus PMs Instrutores(as) conversei com os professores(as) e diretores(as) das escolas selecionadas.

A diretora da escola do Bairro 3 informou que os comentários que ouviu sobre os PMs Instrutores(as) do PROERD sempre foram bons, que não teve queixas. Mas salienta que o professor por estar todo dia em sala ganha experiência e percebe a melhor forma de trabalhar, já o PM Instrutor(a) não teria tanto essa prática pedagógica. (Entrevista, diretora da escola do Bairro 3: 08-12-2015, sala da direção da escola do Bairro 3)

A professora da escola do Bairro 2 diz que as aulas do PROERD são bem interessantes e que a linguagem utilizada pelos PMs Instrutores(as) é fácil de entender, além do conteúdo ser válido para os alunos. Mas, que no final das contas, cabe ao aluno decidir entre o “certo e o errado”. (Entrevista, professora da escola do Bairro 2:10-12-2015)

A professora da escola do Bairro 1 diz que tudo que foi acontecendo foi sendo resolvido, que sempre tem alunos com resistência, mas que são casos raros e que eles são resistentes com professores também. Também diz que a questão da prevenção é importante nesta idade, época de mudanças, que o PROERD contribui muito, consegue “tocar” as crianças, porém, afirma que salvar todo mundo “a gente não consegue, nem quanto escola, talvez nem tanto programa de prevenção, mas tudo que vier para prevenir ajuda”.(Entrevista, professora da escola do Bairro 1: 10-12-2015, refeitório da escola do Bairro 1)

Diretora da escola do Bairro 1 diz que nunca teve queixas sobre os PMs Instrutores(as) do PROERD e que eles chegam na escola com vontade de atuar, de fazer a diferença. Que mesmo não tendo formação pedagógica eles conseguem fazer um trabalho bem positivo em sala, são organizados.(Entrevista, diretora da escola do Bairro 1: 10-12-2015, sala da direção da escola do Bairro 1)

Durante a entrevista com professora da escola central surge a informação que teria faltado responsabilidade da PM Instrutora com os horários, segundo a professora, a PM ligava em cima da hora avisando que não compareceria na escola, e que isso é ruim, pois acaba com o planejamento feito na escola para aquele dia. Além disso, a professora cita que a diretora da escola teve que ligar algumas vezes para a PM pedindo se ela compareceria na escola, pois já passava da hora da aula e a PM não havia chegado.(Entrevista, professora da escola central: 10-12-2015, sala da direção da escola central)

A diretora da escola central sugere que o tempo das aulas do PROERD seja melhor

aproveitado, pois segundo ela, o tempo cedido pela escola era de 45 minutos, porém, às vezes a PM dava apenas 20 minutos de aula. A diretora também sugere que o PROERD seja aplicado para alunos mais velhos. E, finaliza, dizendo que por causa desses “problemas” que tiveram com a PM Instrutora, no ano de 2016 não desejaria o PROERD na escola. Que a PM Instrutora fez várias promessas e não cumpriu, e que como forma de protesto foi decidido que nenhum aluno da escola fosse na formatura do PROERD realizada dia 03 de dezembro de 2015 no centro de Chapecó. (Entrevista, diretora da escola central: 10-12-2015, sala da direção da escola central)

Todas as profissões e profissionais costumam ter alguns atritos, com o PROERD e as escolas não é diferente, porém, uma das 4 escolas observadas criticaram o programa e o PM Instrutor(a) a ponto de não dar seguimento ao programa no ano seguinte, porém, esta desavença seria com o PM Instrutor(a) e não com o PROERD. As outras três escolas citam que não tiveram grandes problemas e os que apareceram foram todos resolvidos, além disso, afirmam que o programa é importante, consegue “tocar” os alunos, as aulas são interessantes e com linguagem acessível, além dos PMs Instrutores(as) terem vontade de atuar, de fazer a diferença.

Segundo os depoimentos acima, os PMs Instrutores(as) do PROERD tem vontade de atuar, de fazer a diferença com relação ao ensino, aprendizado, dos alunos. Mas e quanto aos professores(as) das escolas observadas, será que eles ainda tem vontade de fazer a diferença? Qual a participação deles(as) na sala de aula durante as aulas do PROERD? Buscando responder essa questão, no subcapítulo a seguir pergunto aos PMs Instrutores(as) do PROERD sobre o comportamento dos professores(as) das escolas.

2. 5 Relação entre PMs Instrutores (as) do PROERD, professores (as) das escolas e direção

No decorrer das observações das aulas do PROERD, percebi alguns atritos entre os PMs Instrutores(as) do PROERD e os professores(as) das escolas. Buscando entender melhor sobre os acontecidos perguntei aos PMs Instrutores(as) do PROERD, durante a entrevista semi estruturada, se os professores (as) das turmas que eles atuam ajudam ou atrapalham as aulas do PROERD. Seguem alguns relatos dos PMs Instrutores(as).

A PM Instrutora 03 afirma ter tido problema em apenas uma escola, segundo ela, a professora não era muito participativa, mas que todas as outras escolas os professores eram

muito prestativos.

Eu particularmente, só tive uma escola em que a professora não era muito participativa, mas em todas outras escolas todos os professores são muito participativos, tenho que agradecer aos professores, se tinha muita bagunça a professora intervia, se precisasse de auxílio as professoras sempre a disposição. (Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

O PM Instrutor 01 diz que a maioria dos professores(as) ajudam, mas que tem alguns que usam o celular, corrigem provas, saem da sala para ir fumar.

85% ajuda, tem uns 15 % que ficam mexendo no celular, corrigindo provas, pedem folga porque o PM esta lá, saem da sala para ir fumar, então tem 15 % que não são comprometidas, mas no geral estão sempre junto, depende muito da parceria também entre o PM, professor e direção.(Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

O depoimento do PM Instrutor 02 aponta que os professores(as) devem permanecer na sala de aula durante as aulas do PROERD, porém, nem sempre permanecem.

Elas tem que permanecer dentro da sala, mas nem sempre elas permanecem, as vezes vão ali fazer um xerox e tals, mas a gente insiste que elas estejam ali, eu particularmente dou uma cobrada, se a professora saiu em uma aula, beleza, levamos aquele nível de parceria, na segunda aula saiu de novo, na terceira aula eu já chamo atenção dela, “professora vou pedir que você esteja na sala hoje” se não não dou a aula porque estou *resguardando a minha integridade*.(Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD) GRIFOS MEUS.

Segundo o relato dos PMs Instrutores (as), a maioria dos professores ajudam, porém, a seguir cito algumas desavenças dos PMs Instrutores (as) para com os professores(as) das escolas, relatadas no “meu diário de campo”:

PM Instrutora 06 comenta que as professoras desta escola tiram ela do sério, que o celular delas toca, que elas não ajudam os alunos, que não sabe quem incomoda mais se são os alunos ou as professoras, que a turma já é difícil e elas pioram a situação, diferente de outras escolas como a do Bairro 2 que a professora ajuda os alunos, é prestativa.(diário de campo, escola do Bairro 3, 05-10-2015)

PM Instrutora 06 diz que tem duas professoras na sala porque uma deveria cuidar dos alunos especiais, porém, naquela turma nem tem alunos especiais, e que as professoras não dão atenção merecida aos alunos. “Professoras da escola preparam atividades de outras matérias durante a aula do PROERD.”(diário de campo, escola do Bairro 3, 28-09-2015)

Como citam os PMs Instrutores (as), o convívio entre eles e os professores (as) das escolas nem sempre é harmonioso, não é toda vez que os professores (as) das escolas ficam atentas durante as aulas do PROERD, assim como, nem sempre os professores (as) ficam satisfeitas com os PMs Instrutores (as) do PROERD.

PM Instrutora 06 pega seus materiais e sai da sala. Enquanto organizo minha mochila, uma professora da turma vem até mim e pergunta se vou assistir mais aulas do PROERD. Respondo que sim, ela sugere que eu assista as aulas do PM Instrutor 02, terça-feira de tarde às 14:00 que é bem bacana. (DANDO A ENTENDER QUE ESSA AULA DO PROERD QUE EU HAVIA OBSERVADO NÃO ERA TÃO BACANA QUANTO)(diário de campo, escola do Bairro 3, 21-09-2015)

PM Instrutora 06 me aguarda fora da sala e comenta sobre a diferença das escolas do Bairro 2 e 3, enquanto caminhamos em direção a viatura do PROERD. PM Instrutora 06 comenta que nessa escola (Bairro 3) tem bagunça, que as duas professoras da escola que permaneceram na sala de aula durante o PROERD não ajudam a manter a ordem na sala.(diário de campo, escola do Bairro 3, 21-09-2015)

Ficou visível desde o início das observações nesta escola que a PM Instrutora e as professoras da turma tinham conflitos. A PM Instrutora nunca chegava muito motivada para dar aula naquela turma, assim como as professoras da escola não faziam questão de auxiliar em nada a PM Instrutora, durante a aula do PROERD as professoras faziam outras atividades, corrigiam trabalhos, provas, dos alunos, usavam seus celulares, conversavam. Porém, sempre permaneciam na sala de aula. Isso me fez questionar, se alguns professores(as) além de não ajudar atrapalham as aulas do PROERD, porque permanecem na sala de aula?

Segundo os PMs Instrutores(as) do PROERD, os professores(as) das escolas devem permanecer na sala de aula durante as aulas do PROERD. Segundo os PMs isso se deve pelo fato do professor(a) conhecer as particularidades de cada aluno, sejam problemas físicos ou comportamentais. Além disso, o professor(a) também deve estar na sala de aula como testemunha caso haja alguma queixa de um aluno contra o PM Instrutor do PROERD ou vice-versa. Porém, nem todos os professores das escolas cumprem essa obrigação. Em uma das escolas observadas, a professora jamais permaneceu todo tempo na sala de aula. O máximo que acontecia era ela encaminhar os alunos que voltavam do intervalo para a sala de aula e pedir para a PM Instrutora se ela precisava de algo.

PMs Instrutores(as) do PROERD dão apenas uma aula por semana para cada turma e isso dificulta saber as particularidades dos alunos.

Durante a entrevista com o PM Instrutor 02, ele relata:

A autoridade dentro da turma é do professor, a turma é do professor e não do policial, o policial é só um Instrutor, ele vai lá e ocupa um período das aulas daquele professor para passar as instruções sobre o PROERD, mas o professor que é a autoridade, até para ir no banheiro os alunos vem pedir e a gente indica fala com o professor, se ele liberar, ele está cedendo espaço da aula dele para o PROERD, e até para resguardar a integridade do policial, se algum aluno disser o policial me agrediu, me ofendeu, me molestou, daí tem o professor lá dentro para dizer que não. (Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD)

A PM Instrutora 03 e o PM Instrutor 01 corroboram com o relato:

Norma do PROERD que o professor esteja na aula, porque na verdade o professor é a autoridade na aula ele cede aquele espaço pro PROERD entrar, mas a aula é dele, nos só somos os Instrutores repassando o conteúdo mas o controle da turma e da aula é do professor.(Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

Os professores sabem o comportamento dos alunos, se o aluno tiver problema de saúde, necessidade de ir ao banheiro, tomar remédio, se precisa de acompanhamento. O professor(a) é o responsável pela aula, ele é o parceiro, abre a porta da sala dele para que o PM Instrutor(a) entre lá. (Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

Os professores(as) das escolas observadas devem permanecer na sala de aula durante as aulas do PROERD, isso é necessário, segundo os PMs Instrutores(as) entrevistados, também para resguardar a integridade do PM.

Elas tem que permanecer dentro da sala, mas nem sempre elas permanecem, as vezes vão ali fazer um xerox e tal, mas a gente insiste que elas estejam ali, eu particularmente dou uma cobrada, se a professora saiu em uma aula, beleza, levamos aquele nível de parceria, na segunda aula saiu de novo, na terceira aula eu já chamo atenção dela, “professora vou pedir que você esteja na sala hoje” se não dou a aula porque estou *resguardando a minha integridade*.(Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD) GRIFOS MEUS

Durante as observações de campo, percebi que os PMs Instrutores do PROERD são tratados com muito carinho pelos alunos. Costumam receber vários abraços, demonstrações afetivas. Seria esse o principal motivo para resguardar a integridade do PM?

Perguntei aos PMs Instrutores(as) do PROERD se alguma vez os abraços e carinhos que eles recebem dos alunos já foi interpretado de outra forma. O PM Instrutor 02 responde da parte dele não, mas diz saber de casos, que já aconteceram mas não em Chapecó. Já o PM Instrutor 01 cita que não saber de nenhum caso, que os PMs são orientados a tratar de qualquer assunto com os alunos na presença do professor(a) ou sempre acompanhado de alguém que sirva de testemunha.

Que eu saiba nunca teve problema porque já estão orientados, e outra que a idade também não tem envolvimento, essa preocupação de envolvimento, e quando você trata de qualquer assuntos nunca falar sozinho com cada aluno, sempre com professor ou mais gente para ver. O próprio facebook eu não passo, não falo com eles, que assunto que vai falar com eles, dependendo o que falar pode ter outra interpretação daí o policial fica como pedófilo, abusador, então meu face particular eu não passo, se quiserem falem pelo face do PROERD.(Entrevista, PM Instrutor 01: 11-12-2015, sala do PROERD)

PM Instrutor 05 acrescenta que as crianças do 5º ano às vezes fantasiam as coisas, às vezes chegam em casa e aumentam um pouquinho para a família, o pai e a mãe não entendem o acontecido e vem tirar satisfação na escola. Se o professor não está na sala de aula nem sabe o que aconteceu dificulta o entendimento no final, por isso é melhor que o professor permaneça na sala de aula junto com o policial para evitar esses casos.

Segundo o PM Instrutor 05, serve mais como prevenção, porém, pode vir a acontecer, tanto que com alguns professores acontece, vira e mexe os(as) PMs escutam reclamação de professor(a) dizendo que pais e mães foram até a escola tirar satisfação com eles, que tinha tal assunto na sala de aula e a criança chegou em casa e inventou, isso fez com que o pai fosse até a escola tirar satisfação sobre o acontecido. Por isso, ainda segundo o PM, é sempre falado em sala de aula para que os alunos contem realmente o que acontece, sem inventar histórias, porém, segundo o PM as crianças gostam de inventar um pouco, daí a família entende diferente e vai tirar satisfação com o professor(a). O PM afirma que com ele nunca aconteceu nada, geralmente o ocorrido acontece com os professores(as).

No subcapítulo a seguir busco compreender qual o alcance dos objetivos do PROERD.

2. 6 Alcance dos objetivos propostos pelo PROERD

Um dos objetivos desta pesquisa foi saber se os objetivos propostos pelo PROERD de Chapecó estão sendo alcançados. Como cita a PM Instrutora 03, “é um trabalho de formiguinha, a longo prazo”, porém, segundo ela algumas “melhorias” são percebidas quase que imediatamente; Dentre estas o fato de o PROERD proporcionar ao aluno, em particular, “uma imagem a se espelhar”, ou um amigo, alguém que possa confiar, contar. Também à família deste aluno, que graças ao PROERD insistiu, motivou para que algum familiar deixasse do cigarro, álcool, ou drogas ilícitas e obteve sucesso.

As observações das formaturas e das aulas do PROERD mostraram pais e alunos contentes com o programa e seus PMs Instrutores(as). Depoimentos de professores(as), diretores(as), PMs Instrutores(as) citam que o PROERD faz diferença na vida de algumas crianças, que algumas daquelas crianças, seja apenas uma em uma turma de trinta alunos, é beneficiada, ajudada, as vezes nem tanto pelos assuntos tratados na cartilha durante as aulas, mas sim pelo fato de o aluno ter uma figura a quem se apegar, ter um exemplo, e isso faz toda diferença na vida desta pessoa, transforma a pessoa e a faz mudar o rumo da vida e às vezes até de sua família.

O depoimento a seguir, da PM Instrutora 03, revela sua visão sobre a eficácia do PROERD. A Instrutora diz, como citado acima, que o PROERD é um trabalho de formiguinha, resultado a longo prazo, mas que o pouco vivido em sala, fazer uma criança dar um sorriso em um dia em que esta triste, já é uma recompensa. Conseguir ver um aluno que não falava em outras aulas, falar durante a aula do PROERD, conseguir “se abrir”, é muito

gratificante. Ainda segundo a PM, durante as primeiras lições, quando os PMs Instrutores(as) entram nas escolas, os alunos falam menos, ficam com um pé atrás, mas que no decorrer das aulas, nas últimas lições, acabava tornando-se até ruim de um lado, pois os alunos já tinham eles (PMs Instrutores(as)) como amigos e isso fazia com que algumas brincadeiras (dinâmicas) virassem confusão, esquecessem a questão repressiva, a “figura lá na frente”.

Segundo a PM Instrutora 03, os alunos esquecem que os Instrutores(as) são policiais, então o PROERD conseguiria quebrar essa barreira da imagem do policial e isso se estenderia ao olharem para outros PMs, pois lembrariam dos PMs Instrutores(as) do PROERD, que a “PM não é tão ruim”, que “precisam ser assim para manter a ordem”, ficaria uma “bifurcação”. Segundo a Instrutora, você consegue atingir o objetivo de mostrar que a PM tem a necessidade de ser repressiva para manter a ordem, mas isso não indica que são autoritários, ditatoriais, como eram antigamente. Durante as aulas os alunos falam sobre o tático, que quando ele chega no Bairro o “bicho pega”, mas que nem toda corporação é focada nisso, existe o repressivo para manter a ordem, mas também tem o trabalho da polícia comunitária, onde os resultados serão visíveis a daqui uns 15 anos.

A PM Instrutora 03, mesmo atualmente atuando de forma preventiva no PROERD, afirma a necessidade da PM ser repressiva para “manter a ordem”. Mas que ordem é essa que deve ser mantida por meio da repressão? Quem costuma ser o alvo dessa repressão? Que ordem se mantém com as operações nos Bairros, se os próprios PMs afirmam, como citei anteriormente, “que não são os pobres que têm as drogas e sim os ricos”.

O PM Instrutor 01 diz que o resultado das aulas do PROERD é sentido durante as formaturas e também ao corrigir textos dos alunos, “é possível fazer um feedback se o que foi instruído foi bem entendido ou não”. O resultado também estaria no carinho dos ex alunos do PROERD, que agora adultos ainda lembram do PROERD e seus PMs Instrutores(as), que alguém vem dizer que por causa de uma palavrinha dita a vida mudou, ou que o pai deixou de fumar porque o filho foi persistente, que isso é o gratificante. O PM Instrutor 01 prossegue dizendo que o ex comandante geral da polícia, Coronel Marceneiro, falou que 1 PM Instrutor(a) do PROERD equivale a 100 PMs na rua, porque evitam que as pessoas cheguem dar ocorrências, dialogam mais, tem mais resultados com o Instrutor(a) do PROERD do que com a repressão, “chutando porta”.

Durante a entrevista com a diretora da escola do Bairro 2 ela discorre sobre a importância do PROERD, diz esclarecer muitas dúvidas que os pais não falam com os filhos, além disso, as crianças gostam dos PMs Instrutores(as), tem amizade, respeito, veem o PM

Instrutor(a) de outra forma, sem medo.

Parece que buscando amenizar o medo da sociedade em relação à PM, entra em jogo um dos objetivos do PROERD, que é **“Proporcionar integração maior entre Polícia, Comunidade Escolar e Família.”**

De acordo com os depoimentos dos Instrutores(as), direção pais e alunos, parece que o PROERD proporciona uma maior integração entre polícia, comunidade escolar e família, porém, atualmente isso se dá apenas com os PMs Instrutores(as) do PROERD. Com os outros PMs, a situação não se alterou, pois continuam sendo vistos da mesma forma, como no depoimento da PM Instrutora 03, “Os alunos falam sobre o tático, que o tático veio no Bairro, eles sabem que o tático é repressivo, que eles vão lá quando o bicho pega, mas que nem toda a polícia, a corporação em si é focada nisso”. (Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

Segundo o PM Instrutor 05, o PROERD realiza um trabalho preventivo, porém, o PM assim como a PM Instrutora 03, afirma haver necessidade de existir o “pessoal da rua”, que vai atrás de bandidos, que sem repressão não funciona. PM Instrutor 05 cita a necessidade de a família ajudar nessa prevenção, que existem famílias que não participam de nada na vida da criança, que ela está abandonada na escola.

Em determinados Bairros a realidade da criança é totalmente diferente, “a gente tá na sala de aula, falando sobre drogas, mas o pai da criança é usuário de drogas”, ou estamos falando sobre bebida alcoólica, mas o pai da criança chega em casa bêbado e bate na mãe, falam de violência doméstica, mas a mãe sofre essa violência. (Entrevista, PM Instrutor 05: 09-11-2015, sala do PROERD)

Alguns alunos vivenciam essas situações citadas pelo Instrutor diariamente, e isso faz com que perguntem ao PM Instrutor(a) do PROERD, como podem denunciar, procuram auxílios sobre o que fazer sobre suas famílias. PM Instrutor 05 prossegue dizendo que com o tempo os alunos acabam criando um vínculo com os PMs Instrutores(as) do PROERD e que eles acabam contando segredos, que alguns alunos são repreendidos em casa, sofrem agressões, relatam que o pai e a mãe já bateram por tal coisa, que os familiares mandar comprar cigarro, bebida alcoólica, que oferecem essas drogas para as crianças.

Os alunos conseguem “se abrir” com o PM Instrutor(a), contam suas dificuldades, problemas, porém, o próprio PM cita que “não tem muito o que fazer”. Que em casa os pais não dão ouvidos às crianças, na escola tem 30 alunos e os professores(as) também não os escutam, as crianças ficam perdidas, e essa amizade com alguém para ouvi-lo em um momento difícil torna-se um avanço para aquela pessoa, fica uma amizade, alguns alunos até relatam que quando crescerem querem ser policiais, professores.

PM Instrutor 05 conta que certo dia ele chegou em um determinado Bairro e os alunos comentaram que na noite passada o “pessoal do tático” invadiu suas casas, agrediram os moradores. O PM Instrutor não sabia da ocorrência, e esses alunos **estavam revoltados com a PM, mas não com o PROERD, com “a polícia em si”**,

dai eu tento justificar isso, que eu não estou defendendo os policiais mas também não estou defendendo o pai e a mãe, as vezes o policial errou mas as vezes o pai e a mãe erraram também, tento não colocar a culpa em ninguém, tento ser imparcial. (Entrevista, PM Instrutor 05: 09-11-2015, sala do PROERD)

PM Instrutor 01 salienta que todos PMs Instrutores(as) do PROERD devem utilizar a farda operacional, que é a “farda caqui”, e irem armados padrão **para não dar diferença entre “PMs bonzinhos (PROERD) e ruinzinhos.”**

O PROERD busca melhorar a visão de toda a PM perante a sociedade, sem distinguir entre PMs Instrutores(as) do PROERD e PMs operacionais, deseja que todos passem a ser “bem-vistos”, como citado acima pelo PM Instrutor 01, “sem diferenciar PMs bonzinhos(PROERD) e ruinzinhos.

Essa necessidade de aproximação com a sociedade parece fazer sentido e ser necessário, pois segundo o site folha.uol, pesquisa Datafolha, 62% dos moradores das cidades que possuem mais de 100 mil habitantes tem medo da PM: “Entre os que relatam ter medo da PM, a maioria são jovens, pobres, autodeclarados pretos e moradores do Nordeste.”¹³

A PM busca melhorar sua imagem e o PROERD parece estar sendo um programa muito eficaz nesse sentido, talvez até mais eficaz com esse objetivo que consta como secundário para o PROERD, do que com seu objetivo principal, que é prevenção às drogas. O PROERD parece ser mais eficaz na aproximação com a sociedade do que prevenindo as drogas, os próprios PMs citam que o PROERD não tem dados que comprovem sua eficácia em relação a prevenção de drogas, que em algumas escolas não se dá a aula mesmo do PROERD, é mais para mostrar o programa para a sociedade. As formaturas do PROERD são o ápice desta aproximação, previamente os PMs Instrutores(as) do PROERD organizam, decoram, o lugar onde a formatura vai acontecer, vão atrás de patrocinadores para os prêmios que serão sorteados. Ressalto que algumas vezes os PMs utilizaram seus veículos particulares para fazerem isso, gerando um gasto que não é ressarcido pela PM.

Durante a formatura, centenas de alunos acompanhados de seus familiares reúnem-se em lugares determinados pelos PMs Instrutores(as) do PROERD para cantar a canção do

13 <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1662655-maioria-da-populacao-diz-ter-medo-da-policia-militar-aponta-datafolha.shtml> Visto em: 19/05/2016 as 20:28

PROERD, recitar o compromisso PROERD, receber um certificado do PROERD, ler as melhores redações do PROERD (que devem expressar “o que eu aprendi com o PROERD, como eu irei usar o Modelo de Tomada de Decisão do PROERD e como eu planejo usar o que aprendi para fazer escolhas seguras e responsáveis”), e sortear alguns prêmios, dentre eles leões de pelúcia (Leão DAREN, mascote do PROERD) e bicicletas. Nessa data, os alunos apresentam os PMs Instrutores(as) do PROERD para seus familiares, fotografam, e em alguns casos conversam sobre como o programa ajudou por exemplo, o pai largar do cigarro, da bebida alcoólica...

Como citado anteriormente, o PM Instrutor 01 diz que o resultado das aulas do PROERD é sentido durante as formaturas e também ao corrigir textos (redação) dos alunos, “é possível fazer um feedback se o que foi instruído foi bem entendido ou não”.

Indicativo que os resultados do PROERD se concretizam no objetivo secundário, que é aproximação entre PM e sociedade. Isso nos faz pensar, será que o PROERD serve apenas para melhorar a imagem que a PM possui? Qual a real importância do PROERD para as crianças e a sociedade em geral? Buscando responder essas questões, a seguir tratarei da importância do PROERD.

2. 7 Sobre a importância do PROERD

As observações realizadas indicam que PROERD é importante para as crianças, escolas, PMs e principalmente para os PMs Instrutores(as) do PROERD. Durante as entrevistas os PMs Instrutores(as) do PROERD falaram que depois que entraram no programa passaram a ter uma outra “visão de mundo”, diferente daquela que costumam ter na PM, visão (e também comportamento) repressiva, truculenta.

Durante a entrevista com o PM Instrutor 02, ele comenta que hoje estando no PROERD e de onde veio dentro da corporação (tático), ele acha importante que os PMs passassem pelo menos pela experiência de entrar em sala de aula. Fala isso acreditando que possa tirar a “carcaça” do policial. Segundo o PM entrevistado, o policial endurece o coração com as desgraças que presencia na rua. Assim ele acaba tornando-se uma pessoa fechada, e que quando ele entra em contato com alguém que está mais “na pureza”, ele acaba “desarmando” um pouquinho.

Hoje que estou aqui e de onde vim dentro da corporação eu acho que seria importante, pelo menos, se não passar pelo curso passar pela experiência de entrar

em sala de aula, essa experiência de entrar em sala de aula ela pode fazer aquilo que a gente chama de tirar a carcaça do polícia, que o polícia endurece o coração porque é muita desgraça na rua, então ele acaba ficando um cara fechado, e quando ele entra no contato com alguém que está mais na pureza, ele acaba desarmando um pouquinho então acho que seria importante.(Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD)

PMs Instrutores(as) do PROERD parecem perceber que a prevenção, educação, é mais eficaz que a repressão. Que invadir bocas de fumo, prender traficantes e usuários são perda de tempo, ou como o PM Instrutor 02 refere-se, é “enxugar gelo”. Segundo os PMs entrevistados a ação deve ser antecipada, prevenindo o uso de drogas e conseqüentemente o tráfico de entorpecentes, mortes, prisões, que a guerra ao tráfico ocasiona.

Como podemos observar no depoimento do PM Instrutor 02:

[...]trabalhei 7 anos dentro do agrupamento tático que é o agrupamento que trabalha com a parte repressiva da PM, diretamente na atuação contra combate de drogas, homicídio, enfim... depois de 7 anos percebi que estava enxugando gelo, tem um vídeo chamado Drumo, e ele fala que quanto mais se batia naquele Drumo, que é um dragão, mais ele crescia e de fato quanto mais a polícia quer bater em relação à droga e a criminalidade mais ela crescem, então partindo dessa ideia, dessa ideologia, que resolvi mudar e entrar na parte agora preventiva, que trabalha com a prevenção, ou seja, antes de formar esse Drumozinho entendeu, estou prevenindo ali, perceber que não adianta ir lá na boca e prender o piuzinho porque no lugar dele vai surgir outro, mas posso educar ele antes de entrar na boca, para que ele não entre na boca, para que ele saiba aonde vai parar se entrar ali.(Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD)

Durante a entrevista com a PM Instrutora 03, ela diz que “brincou” com o PM Instrutor 02, pois eles também tinham esta “visão da tropa” (negativa) sobre o PROERD. Visão de que o PROERD seria fácil, que não era difícil dar aulas. Mas que depois de terem passado pelo curso de formação para PMs Instrutores(as) do PROERD, teriam apelidado o curso de “táticas PROERD”, fazendo referência ao curso de táticas, considerado o mais difícil da PM. PM Instrutora 03 prossegue dizendo que gostaria de ver o “pessoal” tentar fazer o curso de “táticas PROERD” para ver se eles iriam “sobreviver”, segundo ela não é só físico que é trabalhado, é o mental, o emocional. Um total de 12 dias, dormindo no máximo duas ou três horas por noite, durante o dia todo fazem atividades, lendo, fazendo didáticas, dinâmicas para aplicar, provas, textos...(Entrevista, PM Instrutora 03: 27-11-2015, sala do PROERD)

A PM Instrutora 04 acrescenta sobre o curso do PROERD, “é feito um curso que dura em média de 12 dias em regime interno, geralmente no litoral em Florianópolis, mas já teve alguns aqui (Chapecó) também, são 12 dias focados só no trabalho, só nisso, as atividades são muitas, de manhã, tarde e noite, dinâmicas, ficam só pra isso mesmo.” (Entrevista, PM Instrutora 04: 01-12-2015, sala do PROERD)”

Na entrevista com o PM Instrutor 02, ele se diz “muito satisfeito” com o PROERD,

que “acredita muito” no programa por já ter vivido no lado da repressão e atualmente ao lado da prevenção. Que o PROERD não consegue mostrar números, porque não tem como dizer quantas pessoas não vão entrar nas drogas, mas que tem policiais no batalhão de Chapecó que foram alunos do PROERD, e que é visível como em algum momento o PROERD marcou na vida deles. Prossegue afirmando que toda criança que passou pelo PROERD, hoje adulto, lembra inclusive qual foi o PM Instrutor, do quanto marca isso na mentalidade da criança, porque ela vem de uma formação que o professor é aquele cara que é igual os pais, que é igual talvez o vizinho do lado, daqui a pouco entra uma figura diferente dentro da sala trazendo um conhecimento diferente que é fora e que não cobra como o professor cobra.

Particularmente como realização profissional digo que para mim tenho sido mais gratificado hoje prevenindo do que reprimindo, brinco assim, o público, os “clientes da polícia militar”, lá na rua na parte da repressão eles odeiam a polícia militar, clientes que eu digo assim, no sentido de que são as pessoas que a gente vai dar atenção eles odeiam a polícia militar e nos da prevenção eles amam a polícia militar, então no psicológico acontece o que é melhor prevenir do que remediar, quando estou prevenindo ele está amando porque estou cuidando da vida dele, e quando estou reprimindo ele está odiando porque estou corrigindo a vida dele.”(Entrevista, PM Instrutor 02: 27-11-2015, sala do PROERD)

Parece que o PROERD ajuda não apenas as crianças que passam a ter alguém a se espelhar, contar, como também ajudam os próprios PMs Instrutores(as) do PROERD, que acabam tornando-se mais “humanos”, perdem um pouco essa “casca” que citam criar na PM e os enfrentamentos que ela impõe. Porém, tratando do objetivo principal do PROERD, em relação à prevenção das drogas, parece que em sua grande maioria os “possíveis beneficiados” são as crianças de famílias ricas. Isso é a produção e reprodução do sistema capitalista onde as famílias ricas possuem todo o aparato social para driblarem os estigmas impostos pela sociedade, além de possuírem tempo livre, recursos e estímulos para evitarem as “drogas”, enquanto as famílias pobres sofrem com estigmas e descaso do Estado, políticas públicas. Ainda assim, como relatado ao longo deste trabalho, as drogas encontram-se em todas as classes sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma etnografia é saber, independente dos resultados colhidos, que várias lacunas foram deixadas em aberto, que não foram analisadas, seja porque naquele momento não interessaram, seja porque realmente passaram despercebidas, assim, de forma alguma se almejou aqui chegar a uma verdade absoluta, mas sim a um olhar mais aproximado de um programa que busca dar alguma resposta positiva ao problema das drogas.

Desta forma, após a realização do trabalho etnográfico, foi possível concluir que o PROERD não defende nem a descriminalização das drogas, nem a repressão a elas. Em poucas palavras, trata-se de um programa, que busca por meio da prevenção, ensinar maneiras seguras de dizer não às drogas. Com relação aos resultados observados, é interessante salientar que embora o PROERD não possua dados concretos que comprovem sua eficácia, os depoimentos apontam que ele é uma alternativa válida e provavelmente mais efetiva, do que a PM e sua política repressiva e punitiva. Assim, parece que no PROERD, a conscientização parece estar vencendo o medo.

Apesar das mudanças, com relação a algumas dinâmicas e métodos utilizados pelos PMs Instrutores(as), foi possível observar que eles ajudam a criar estigmas e alimentar os juízos de valor sobre gênero, relações étnicas e meritocracia, dentro das escolas, o que apenas reproduz a ideologia dominante: patriarcal, machista e heterossexual.

Outro ponto relevante do trabalho foi verificar as diferenças no tratamento dado aos estudantes das escolas públicas e particulares. As diferenças existem, mas elas são, na verdade, adaptações às diferentes realidades dos alunos. Os PMs Instrutores(as) do PROERD abordam, aprofundam, ou não, os assuntos da cartilha do PROERD pensando nas especificidades de cada turma. Em algumas seguem a cartilha à risca, em outras aprofundam os conteúdos, sempre buscando adaptar os conteúdos às diferentes realidades dos alunos.

Com relação às diferenças na abordagem entre PMs Instrutores homens e mulheres, bem como se expressam essas diferenças, pode-se facilmente observar que os PMs Instrutores do PROERD possuem mais autoridade, que as PMs Instrutoras. Por outro lado, as PMs Instrutoras, são vistas de uma forma “maternal”, amiga. Desta maneira, fica evidente que ainda se faz necessário desconstruir muitos preconceitos, enraizados em nossa cultura e ainda muito presentes na formação dos PMs e particularmente nos PMs Instrutores(as) do PROERD.

Sobre as Drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, elas fazem parte do ambiente escolar, independente se público ou particular e independente da classe social dos estudantes. O que diferencia-se aqui é que enquanto as famílias pobres sofrem com o descaso do Estado, e com os estigmas impostos pela sociedade, os mais abastados utilizam seus recursos para abafar e saírem ilesos diante de seus “escândalos”.

Sobre as relações entre professores(as), diretores(as) e PMs Instrutores(as) do PROERD, pode-se perceber que em geral eles têm uma boa convivência, porém, como costuma acontecer em qualquer área, às vezes surgem alguns atritos, esses atritos devem ser resolvidos o quanto antes para que não prejudiquem a execução do programa.

Outro fato importante observado, é que a Polícia Militar tem um histórico diante dos adolescentes, que não serve de exemplo, muito pelo contrário, a PM é sinônimo de medo, não apenas nas escolas, mas na comunidade em geral. Os motivos, embora não tenham sido objetos de estudo do presente trabalho, podem estar ligados à nossa história ditatorial recente, que na repressão, no medo, e na tortura, tiveram suas marcas e também pelo trabalho atual do tático, que é repressivo.

Nesse ponto, parece que o PROERD está dando um dos primeiros passos para que a PM comece a ser vista com bons olhos. Porém, atualmente, apenas os PMs Instrutores(as) do PROERD, com a viatura que possui um “leão desenhado” são os bem-vistos. Gradativamente é possível que essa visão passe também para os outros PMs, porém, acredito que essa visão só mudará por completo quando os PMs passarem a se comportar de uma forma preventiva e não repressiva, nos mesmos conformes dos PMs Instrutores(as) do PROERD.

Por fim, sobre o objetivo principal do PROERD que é a prevenção às drogas, parece que ele não está sendo alcançado, porém, isso não pode ser entendido como um fracasso. Ele segue funcionando e como um “trabalho de formiguinha” segue sua trilha.

Voltando ao título deste trabalho, “PROERD é o programa, PROERD é a solução?”, este trabalho indicou que o PROERD é sim um programa, e que este programa causa impactos positivos nas escolas, na vida de algumas crianças e também na vida dos PMs. Enfim, não podemos afirmar que o PROERD seja a solução para o problema das drogas, mas, a cada dia mostra-se mais eficaz com relação a prevenção às drogas e a aproximação da PM com a comunidade do que as políticas tidas até então (repressivas), transformando, mesmo que lentamente, a vida de estudantes, de suas famílias, da sociedade em geral e de suas

relações com a PM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- AQUINO, de Álvaro; GULLO, Silva. **Violência urbana um problema social**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 105-119, maio de 1998.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BRUNETTA, Antonio Alberto. **Autoridade Policial na Escola**. São Paulo: Junqueira&Marin, 2006.
- BUTTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminino e a questão do “Pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.11, p. 11-42, 1998.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984
- DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter “antropological blues”**. In E. Nunes, (Org.), *A aventura sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PMSC. **PROERD: Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência**. 2ª ed. 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- GOBINEAU, Arthur. **Essai sur l'inegalité des races humaines**. Paris, Gallimard-Pleiade (1ª ed. 1853), 1983.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed.

2004

LOMBROSO, Cesare; ROQUE, Sebastião José. **O Homem Delinquente**. São Paulo: Ícone, 2010.

LOUIS, Althusser. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MELO, Marcos A. **A Inclusão das Mulheres Na Polícia Militar De Santa Catarina**, 2013. 50 f. Trabalho de Conclusão Curso (Bacharel e Licenciatura em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

NOVO, D' Arcádia M. C. **DROGAS – FORA DA LEI E DENTRO DO USUÁRIO**. Vox Forensis, Espírito Santo do Pinhal, v. 3, n. 1, Fev./Abr. 2010.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

SARTORI, Ari J. Origem dos estudos de gênero. In: **SARTORI, Ari J.; BRITTO, Néli S. (Org.). Gênero na Educação**: espaço para a diversidade. 1ª. Reimpressão da 3ª ed. Florianópolis: Genus/Nova Letra, 2011. p. 26-37.

SCHWARCZ, Moritz Lilia. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero**: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

STOLLER, Robert; HERDT, Gilbert H. **O desenvolvimento da masculinidade**: uma contribuição cultural cruzada. IN: Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

TELLES, Edward E. **O Significado da Raça na Sociedade Brasileira**. Princeton e Oxford: Princeton University, 2004

Sites consultados:

Campanha pela desmilitarização da polícia e da política. Cartilha pela Desmilitarização da Polícia e da Política. Disponível em:

<<https://desmilitarizar.wordpress.com/2015/09/10/cartilha-pela-desmilitarizacao-da-policia-e-da-politica/>> Acesso em: 25 maio 2016.

Folha de S. Paulo. **Drogas na ONU**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2016/04/1764272-drogas-na-onu.shtml?cmpid=newsfolha>> Acesso em: 27 abril 2016.

Folha de S. Paulo. **Maioria da população diz ter medo da Polícia Militar, aponta**

Datafolha. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1662655-maioria-da-populacao-diz-ter-medo-da-policia-militar-aponta-datafolha.shtml>> Acesso em: 23 abril 2016.

OPAS/OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Disponível em: <<http://www.paho.org/bra/>> Acesso em: 05 abril 2016.

Polícia Militar Estado de Santa Catarina. **O Proerd em Santa Catarina**. Disponível em:

<<http://www.pm.sc.gov.br/cidadao/proerd.html>> Acesso em: 27 abril 2016.

Polícia Militar Estado de Santa Catarina. **Chapecó: mais de 1300 alunos dizem não às**

drogas e à violência. Disponível em: <<http://www.pm.sc.gov.br/noticias/chapeco-mais-de-1300-alunos-dizem-nao-as-drogas-e-a-violenciagf.html>> Acesso em: 27 abril 2016.

RedeComSC. **Mulheres aprovadas em concurso da PM pedem aumento de vagas**.

Disponível em:

<http://redecomsc.com.br/portal/noticias/policia/Mulheres_aprovadas_em_concurso_da_pm_pedem_aumento_de_vagas__9344> Acesso em: 26 abril 2016.

TudosobreChapecó.net. **PM inicia aulas do Proerd em Chapecó**. Disponível em:

<http://www.tudosobrechapeco.net/index.php/desc_noticias/pm_inicia_aulas_do_proerd_em_chapeco> Acesso em: 27 abril 2016.

APÊNDICE

Roteiro de entrevistas semi-estruturadas para PMs Instrutores(as), professores(as), direção, das escolas selecionadas.

PMs Instrutores(as):

1– INFORMAÇÕES PESSOAIS

1.1 Local Nascimento:

1.2 Quanto tempo mora em Chapecó?

1.3 Bairro:

1.4 Qual ano que nasceu?

1.5 Casado(a)

1.6 Possui filhos(as)? Quantos?

1.7 Escolaridade:

2 – INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS

2.1 Há quanto tempo está na PM?

2.2 Motivos que o levara a ingressar na PM?

2.3 Carreira na PM – Soldado, Tenente, Sargento?

3– AULAS DO PROERD

3.1 Observei que alguns Instrutores(as) (inclusive você) receberam vários abraços de alunos e ex alunos do PROERD. Como você interpreta essa expressão de afetividade?

3.2 Isso alguma vez já foi visto ou interpretado de outra forma?

3.3 Observei que sempre há a presença do professor(a) da classe durante a aula do PROERD. Isso deve-se a quê?

3.4 Aconteceu algum caso ou é prevenção?

3.5 As didáticas que você utiliza nas atividades, você as criou ou adaptou?

3.6 Como se dá a formação pedagógica de vocês?

3.7 Que leituras fez e faz que tem auxiliado nas suas aulas?

3.8 Quais os autores e autoras que são suas referências sobre educação?

- 3.9 Vocês tem autonomia para desenvolverem uma didática, um conteúdo, um determinado material, que vocês consideram o melhor, mais eficaz, para realizar as atividades em determinada escola, em um determinado Bairro ou empregam a mesma em todas as atividades que realizam?
- 3.10 Observei que em algumas escolas você fala sobre drogas como crack, cocaína, maconha, tráfico de drogas, já em outras fala de álcool e cigarro. Como vocês selecionam o conteúdo para cada escola, turma? Escola periférica X escola particular?
- 3.11 Por que utilizam esse procedimento diferenciado?
- 3.12 Nas escolas particulares, na vida das famílias de classe alta não existem tantos problemas com drogas quanto nas escolas públicas, na vida das famílias de classe baixa?
- 3.13 Famílias de classe baixa utilizam mais drogas que famílias de classe alta? Drogas lícitas X ilícitas.
- 3.14 O que você difere nas escolas públicas e particulares?
- 3.15 Na sua compreensão, há diferença na abordagem, na autoridade exercida entre PM homem e a PM mulher perante os alunos, a escola, Bairro, batalhão?
- 3.16 Se há, como se expressa? Na escola, no Bairro, na rua?
- 3.17 As professoras das turmas nas escolas que vocês ATUAM ajudam ou atrapalham as aulas do PROERD?
- 3.18 Observei que os “Cintos de guarnição” que vocês utilizam atraem os/as aluno/as. Já aconteceu incidente com estes equipamentos durante as aulas do PROERD?

4 – INFORMAÇÕES SOBRE O PROERD

- 4.1 No PROERD não entra qualquer PM, qual o perfil desejado dos Instrutores(as) do PROERD, como são selecionados para o PROERD? Psicólogos? Perfil dos PMs Instrutores? Casos de PMs que não passam no teste?
- 4.2 Há quanto tempo decidiu tornar-se Instrutor(a) PROERD?
- 4.3 Motivos que o levaram a tornar-se Instrutor(a) PROERD?
- 4.4 E a quanto tempo atua como Instrutor(a) do PROERD?
- 4.5 Cursos e/ou formação que teve ou recebeu para ser Instrutor(a) do PROERD?
- 4.6 Como você se sente como Instrutor(a) do PROERD? Satisfeito? Você se sente realizado com o trabalho que faz? Acredita nele? Acham melhor, mais eficaz do que o policiamento repressivo? Acham que o trabalho de vocês tem eficácia?
- 4.7 Já encontrou aluno ou ex aluno do PROERD na rua enquanto fazia ronda? Já prendeu,

autuou algum ex aluno, ou aluno do PROERD?

4.8 Se encontrar algum aluno ou ex aluno do PROERD em uma situação de risco, oque você faz? Tem uma atuação diferenciada?

4.9 Caso seja necessário revistar ou autuar algum aluno dentro da escola, você faz esta revista ou autuação ou chama outro(a) PM para fazer?

4.10 Essa situação contribui ou compromete o teu trabalho?

4.11 Preferiria que viesse outro PM fazer isso dentro da escola?

4.12 Ocorreram conflitos entre a aula do PROERD e ações da PM (tático) na escola ou no Bairro?

4.13 Existe tratamento diferenciado em ser Instrutor(a) do PROERD? Pelos superiores? Pelos colegas? Como você é visto pelos colegas e superiores? São contrário da proposta do PROERD e de que policial deve estar na rua prendendo bandido?"

4.14 Você acharia importante que todos os PMs do batalhão passassem pelo treinamento do PROERD?

4.15 O PROERD cumpre os objetivos que se propõe? Existem documentos, dados que comprovem o cumprimento desses objetivos?

4.16 Das drogas que tem na região, quais são as mais comuns, como você as classifica em questão de malefícios e porque classifica assim, de que fonte vem essa informação? Existe algum caso de krocodil em Chapecó? Seria possível ter acesso a essa fonte.

4.17 Vocês fazem reuniões com os PMs Instrutores(as) do PROERD? Qual a frequência? Conversam, debatem, entre vocês do PROERD de Chapecó? E com PMs Instrutores(as) de outras cidades, estados?

4.18 Possuem grupo do PROERD no Whatzap? Se comunicam pelo rádio?

4.19 Quantos PMs de Chapecó participaram do seminário em Florianópolis? No total haviam quantos PMs? Quais assuntos foram tratados? A idade dos alunos do PROERD, cartilha, lições da cartilha foram alteradas? Oque você achou mais interessante, melhorias propostas no seminário? Propostas que não foram atendidas?

4.20 São enviados convites para as famílias dos alunos do PROERD, professores das escolas, convidados, informando sobre a formatura do PROERD?

4.21 Após a formatura vocês se encontram? Qual a função dos PMs Instrutores(as) do PROERD após o fim das aulas e pós formatura? Trabalham nas ruas, repressão?

4.22 Como funciona o uso das viaturas do PROERD?

Professores(as) das escolas:

1. Idade:

1.1 Quanto tempo é professora?

1.2 Qual a formação acadêmica?

1.3 O que acha das aulas do PROERD?

1.4 O que acha que os alunos(as) acham do PROERD e dos PMs Instrutores(as) do PROERD?

1.5 O que acha dos PMs Instrutores(as) do PROERD? Já teve problema com algum? Quais problemas?

1.6 O que acha dos professores(as) da escola?

Diretoria, secretaria:

1.1 Quanto tempo trabalha na escola?

1.2 Qual a formação acadêmica?

1.3 O que acha das aulas do PROERD?

1.4 O que acha que os alunos(as) acham do PROERD e dos PMs Instrutores do PROERD?

1.5 O que acha dos PMs Instrutores(as) do PROERD? Já teve problema com algum? Quais problemas?

1.6 O que acha dos professores(as) da escola?

1.7 O que os professores da escola falam para vocês sobre o PROERD, PMs Instrutores do PROERD? Já teve alguma queixa?